

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
NÍVEL MESTRADO**

TIAGO FETALIAN

**A QUESTÃO DA NEGAÇÃO DA VONTADE EM SCHOPENHAUER
ESPECIALMENTE NO IV LIVRO DO M.V.R.**

SÃO LEOPOLDO

2009

TIAGO FETALIAN

**A QUESTÃO DA NEGAÇÃO DA VONTADE EM SCHOPENHAUER
ESPECIALMENTE NO IV LIVRO DO M.V.R.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Área de concentração: Sistemas Éticos

Orientador: Prof. Dr. Alvaro Luiz Montenegro Valls

SÃO LEOPOLDO

2009

F419q Fetalian, Tiago
A questão da negação da vontade em Schopenhauer especialmente no
IV livro do M.V.R. / por Tiago Fetalian. -- 2009.
73 f. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Leopoldo, RS, 2009.

“Orientação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Montenegro Valls, Ciências
Humanas”.

1. Filosofia - Schopenhauer. 2. Vontade - Filosofia. 3. Ética - Moral -
Filosofia. 4. Morte – Filosofia. I. Título.

CDU 1 SCHOPENHAUER

TIAGO FETALIAN

**A QUESTÃO DA NEGAÇÃO DA VONTADE EM SCHOPENHAUER
ESPECIALMENTE NO IV LIVRO DO M.V.R.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Área de concentração: Sistemas Éticos

Aprovado em 14 de setembro de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Alvaro Luiz Montenegro Valls – UNISINOS

Dr. Jair Lopes Barboza - PUC-PR

Dr. Mario Fleig - UNISINOS

“Os cisnes, quando percebem que vão morrer, cantam como jamais cantaram”.

Sócrates – (Platão –Fédon, 2004, p. 151).

RESUMO

No presente trabalho abordar-se-á a obra schopenhauriana “O Mundo como Vontade e Representação” em uma espécie de síntese do seu conteúdo, sendo o IV livro o foco da atenção. A maneira como viveu Schopenhauer, sua contribuição humanitária e a ética de sua filosofia. A questão moral da própria negação do mundo é retratada da forma mais clara possível dentro da forma arquetípica da compaixão. O texto divide-se em três capítulos: no primeiro, temas menores, no entanto, de fundamental importância para a compreensão de seu desenvolvimento, relacionados, sobretudo, ao próprio filósofo. No segundo capítulo, o texto se aprofunda e adentra a definição da vontade schopenhauriana. No terceiro capítulo, por fim, argumenta-se sobre a verdadeira negação do mundo até sua extinção nirvânica. O que se defende é a negação do mundo, ou seja, a morte pregada por schopenhauer como conduta moral a ser seguida e que foi pregada pelas mentes mais brilhantes da humanidade.

Palavras-chave: Schopenhauer. Vontade. Morte. Moral. Ética. Redenção.

ABSTRACT

The present work will board the schopenhaurian work “World As Will And Representation” in a sort of synthesis of his content, being the IV book the focus of the attention. The way as there lived Schopenhauer, his humane contribution and the ethics of his philosophy. The moral question of the negation itself of the world is shown in the form as clear as possible inside the form archetypical of the compassion. The text is divided in three chapters: in the first one, less subjects, but substantiate for the understanding of his development, they are tied, especially to the philosopher himself; in the second chapter, the text gets deeper and enters in the definition of the schopenhaurian will; and in the third chapter, finally, one argues on the true negation of the world up to his nirvanic extinction. What is defended is the negation of the world, in other words, the death preached by schopenhauer like moral conduct being followed and what was preached by the most brilliant minds of the humanity

Keywords: Schopenhauer. Will. Death. Moral. Ethics. Redemption.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 ASPECTOS DA REDENÇÃO ATRAVÉS DA NEGAÇÃO	10
2.1 O perigo da filosofia schopenhauriana	10
2.2 A abordagem schopenhauriana.....	18
2.3 A filosofia de Schopenhauer como forma de libertação.....	20
2.4 A questão de Deus na filosofia de Schopenhauer.....	21
2.5 A felicidade no contexto de Schopenhauer	23
2.5 A compaixão como fundamento da moral.....	26
3 A COISA EM SI	29
3.1 A vontade onipotente.....	29
3.2 Suicídio e morte como manifestações da própria vontade	44
4 DA NEGAÇÃO DA VONTADE	53
4.1 O nirvana schopenhauriano	53
5 CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS	68

1 INTRODUÇÃO

Esta é uma filosofia sem artigos de fé, ou seja, uma autêntica ciência reconhecida. Seria este o diferencial entre ela e a teologia que tem por fonte essencial a idéia de Deus. Portanto, a filosofia de Schopenhauer é essencialmente atéia.

O objeto do estudo aqui desenvolvido tem como propósito argumentar sobre a principal obra do filósofo: “O Mundo como Vontade e Representação”, em especial o livro IV que trata da afirmação e da negação da vontade. No entanto, o foco, será o da negação da vontade.

Como se trata de uma obra que é muito ligada à vida do autor, é indispensável que ao longo da dissertação se tenham comentários a seu respeito.

Em toda obra schopenhauriana é possível perceber a marca da solidão do homem de gênio, a qual seu autor esteve submetido. Este fator foi decisivo na crítica de outros filósofos e escritores em geral ao tratarem de sua temática. Tanto ao elaborarem teses universitárias, como trabalhos ou estudos avulsos. Até hoje, este fato do homem genial permanecer só no meio dos homens é uma realidade inevitável.

Isolado em seu mundo, céptico em relação ao amor, à vida e a qualquer tipo de esperança, Schopenhauer parecia ter a mesma “disposição kantiana” para com a vida e a mesma seriedade para com a filosofia. É realmente difícil não se surpreender com sua obra, porque ela deixa marcas indeléveis no espírito humano.

As regras do jogo existencial são distribuídas de forma clara e concisa nos quatro livros do “Mundo como Vontade e Representação” demonstram a serenidade como Schopenhauer encarava a existência, a vida e os homens.

Em sua obra Schopenhauer pedia paciência e ânimo para compreender o conteúdo e assimilar a conclusão. O mesmo pede-se aqui. Pois, embora, curta, esta dissertação não deixa de ser dura e exigente. Assim foi Schopenhauer. Assim devem ser seus discípulos.

Sua obra fala sobre um mundo de luta e miséria ao qual o homem vive aprisionado sem ter chances de poder mudar a face do real. A “representação”, e no caso, a “idéia”, é o disfarce de um mundo hostil que faz vítimas da existência todo ser que vem a ser. Mesmo assim, Schopenhauer não defende o suicídio físico, mas a morte da vontade e de todo o querer volitivo que inquieta a alma humana em sua essência instintiva para a vida.

Com esta teoria, Schopenhauer considerou solucionado o enigma do mundo, pouco antes dos 30 anos de idade. O homem afirma ou nega sua vontade de viver.

Essa dissertação abordará a escolha do próprio filósofo, ou seja, a negação da vontade de vida. Logo, a tarefa da filosofia schopenhauriana, por mais estranho e incomum que possa parecer, trata de fornecer conselhos para os múltiplos sofrimentos que o indivíduo encontra no mundo. Foi a grande proporcionalidade intelectual de Schopenhauer, aliada a força do homem que foi, que o possibilitou a escrever o M.V.R. Tamanha é a aflição do homem comum ao tentar aceitá-la.

Schopenhauer diz que a linha de raciocínio a ser seguida em sua obra é única, todavia, precisou escrever o livro todo para desenvolvê-la. As considerações do IV livro são tanto religiosas quanto éticas.

Será de bom augúrio lembrar de Nietzsche em diversas partes da dissertação, pois aparecerão citações suas e comparações entre os dois filósofos, já que como é bem sabido, trata-se de um fato quase impossível de não ser mencionado, principalmente pelas contribuições que o próprio Nietzsche traz para a elucidação do pensamento de Schopenhauer.

Como filósofo desapaixonado, Schopenhauer era metódico, e embora, não seja tão acadêmico, seus escritos são perfeitamente científicos.

Apesar de denso o texto não deixa de ser dinâmico. Pelo contrário, as obras de Schopenhauer são recheadas de citações mais do que primordiais para a compreensão não só do homem como de sua história através das gerações.

O filósofo possuía uma biblioteca enorme, que continha livros originais em grego, latim, e os livros sagrados das maiores religiões do mundo. Fez um exaustivo estudo sobre o budismo e foi o responsável pela sua difusão no nosso ocidente. Isso o levou a compreender a atitude de grandes nomes da história como Buda, Sócrates, Diógenes, Jesus Cristo que sem dúvida foram personalidades que influíram na sua existência e que serviram de apanágio para todo o desenvolvimento de sua obra.

Em nenhum ponto de sua vida o teórico deixou de ser picante e crítico. Sua crítica a Hegel não o ajudou em nada em sua carreira de filósofo, pelo contrário, foi um fato que só piorou as coisas para o seu lado. Embora ele não tenha tido uma vitória presente sobre seu “opositor”, sua obra conquistou o reconhecimento e a glória que merecia.

O lado “ruim” da história é que toda teoria do filósofo apesar de ser irônica, é extremamente verdadeira. Nada é falso. Nada é afetado. Fundada na certeza matemática, a verdade entronizada galga em direção à extinção nirvânica como forma de voltar ao berço de onde veio e de onde nunca deveria ter saído. No desembocar cosmogônico da vida, a alma, segundo Schopenhauer, encontra sua redenção.

As conclusões retiradas das grandes profundidades adentradas pelo raciocínio metodológico embutido em suas obras revelam uma insatisfação relacionada à superficialidade de julgamento e a falta de critérios usada pelos homens como caminho oposto à redenção. Ou seja, em sua filosofia transparece aquilo que os grandes sábios de todos os tempos já meditavam e consideravam a cerca do mundo e de sua relação com os homens.

Tal como Sócrates é considerado o mártir da filosofia prática, Schopenhauer pode ser considerado o mártir da filosofia acadêmica. Se perante suas palavras ainda permanecerem dúvidas, bastará ao leitor pesquisar sobre sua vida, que logo confirmará o fato de que o filósofo praticamente viveu como escreveu.

É um estudo primordial que se faz hoje nas academias, sobretudo, pelas controvérsias de seu tempo, pelas conclusões que sempre primam pela compaixão, pela renúncia aos apelos instintivos e pela redenção do espírito através da negação racional da vida. Logo, o filósofo partirá do pressuposto de que a eudemonologia é a base da felicidade do homem, ao contrário de sua tendência social¹.

¹ Devido à necessidade de passar a mensagem correta de Schopenhauer foram utilizadas as duas traduções para o mais próximo do original em alemão: trata-se da tradução de Jair Lopes Barboza, 1ª edição, publicada no ano de 2005, pela Editora Unesp, e da tradução de M.F. Sá Correia, 1ª edição publicada em setembro de 2001 pela Editora Contraponto. Também foram utilizadas várias biografias esparsas sobre Schopenhauer, dentro das mais relevantes menciona-se a de Karl Weissmann e a de Will Durant. Pelo certo grau místico, elegantemente científico, e assumidamente não acadêmico de Schopenhauer, foi utilizada uma literatura generalizada de autores pouco familiares às construções do pensamento filosófico das universidades. Sobretudo, também, pela gama emocional que a “negação do mundo” suscita no indivíduo. Tais escritos formam a base que dão estrutura e dinâmica ao presente contexto da dissertação deste grande filósofo considerado hoje como uma “personificação da verdade”, e seu grande legado humanitário.

2 ASPECTOS DA REDENÇÃO ATRAVÉS DA NEGAÇÃO

Para apontar os primeiros aspectos da redenção, o que se urge tornar claro é que a mencionada redenção no sentido schopenhauriano é a fuga deste plano em que o homem vive para o nada da morte desconhecida. Isto porque Schopenhauer vê este mundo como uma brincadeira de mau gosto. Algo que nunca deveria ter sido. Uma farsa sem limites que não dá tréguas aos viventes desde seu nascimento até sua morte, visto que são guiados pela necessidade natural, o que torna sua vida um verdadeiro inferno que se resume na necessidade (falta), e no tédio de (possuir) o objeto desejado. A redenção através da negação do mundo é uma fuga do ciclo vital. Uma evasão do redemoinho da causalidade e da reincidência do processo vital da existência.

A partir disso, só será matéria da redenção do indivíduo, aquilo que seu conhecimento pelo uso da razão for feito em prol de sua própria extinção e não da racionalidade utilizada em benefício da vontade instintiva de vida².

2.1 O perigo da filosofia schopenhauriana

A filosofia de Schopenhauer embora de cunho realista tem em seu âmago um pessimismo em relação à vida que chega a ser um perigo social quando encarada como pragmática. Sua influência na vida de outros filósofos importantes foi decisiva dentro do modo de pensar, sendo por si mesma um marco divisor de águas. Ele mesmo confessa no prefácio à segunda edição que “[...] minha cabeça, quase contra minha vontade, entregou-se a um trabalho incessante que durou toda uma vida” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 27). Nietzsche por exemplo, foi um filósofo que passou um longo tempo perturbado pela “sombra schopenhauriana”, como o próprio Nietzsche afirmaria.

Schopenhauer foi o responsável por trazer os conhecimentos da filosofia budista para o oriente e em vários trechos da sua obra é possível observar um ideal monista e quietista do mundo. São idéias que se transfiguraram em sua filosofia por causa dos percalços de uma vida

² Parece um absurdo fazer apologia da morte quando é a vida o que se considera como a coisa mais preciosa do mundo. No entanto, a análise rigorosa de seus pormenores e o desenvolvimento desta dissertação, tentará elucidar o porquê da negação do mundo schopenhauriano.

destinada a contemplação filosófica e as frustrações do homem perante as esperanças do mundo.

Primeiramente é necessário saber que para adentrar os meandros de tal filosofia é necessário que haja muita base. Em outras palavras, para que uma grande árvore cresça é necessário que suas raízes tenham terreno suficiente para desenvolver-se. Tal qual este terreno é a mente quem deve preparar-se para o peso da teoria schopenhauriana. Sem este suporte tanto teórico, quanto espiritual pode-se dizer facilmente que o leitor sucumbirá.

Schopenhauer afirma que o desejo é um sentimento passageiro que surge no presente e desaparece a cada excitação seja interior, seja exterior a si mesmo. Schopenhauer chega a afirmar que: “Por isso, numa mente sadia, somente atos pesam na consciência moral, não desejos nem pensamentos, pois apenas nossos atos são o espelho de nossa vontade” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 388). Ele acredita plenamente na lei da causalidade. Alegava que: “[...] em caso algum pode-se determinar que um efeito apareça sem a sua causa” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 390). Seus ensinamentos apontam para a experiência, sendo só através dela que o homem encontraria o auto-conhecimento do mundo ao seu redor, onde “[...] nossos atos serão um espelho de nós mesmos. [...] Temos primeiro de aprender pela experiência o que queremos e o que podemos fazer” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 390). Por isso, trata-se de uma filosofia que mexe profundamente com o lado psíquico humano e pode facilmente com o tempo levar as pessoas à depressão. Primeiro porque muito poucos podem viver nas condições em que o filósofo viveu, e segundo, porque termina sendo muito amargo saber demais, dentro dos verdadeiros limites aos quais que o homem está submetido.

Schopenhauer sabia de um fato. O fato que o homem não se aprofunda e como que por instinto medroso, permanece sempre na superficialidade das coisas e dos assuntos. E aqui o estudante rebelde deve falar alto:

[...] dir-se-ia que a única coisa que importa na vida é saber se vamos trepar direito, se faremos a guerra ou se seremos suficientemente covardes para fazer a paz, como nos arranjam com nossas pequenas angústias morais e se tomaremos consciência de nossos “complexos” (isto dito em linguagem erudita) ou se nossos “complexos” acabarão por nos sufocar”. (ARTAUD, 2006, p. 41)

Kant permaneceu na esfera dos conceitos, não indo à prática. A grande falta de Kant, segundo Schopenhauer, teria sido o mero fato de ele não ter reconhecido que o mundo é representação. Eis uma frase capital no § 2 do 1º livro de Schopenhauer: “Aquele que conhece todo o resto, sem ser ele mesmo conhecido, é o sujeito” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 11).

Assim é possível conhecer o objeto (corpo), que está sujeito às condições de tempo e espaço, mas nunca o sujeito do conhecimento, pois ele está livre de todas as categorias. Segue-se que desaparecendo o objeto, desaparece o sujeito, conseqüentemente desaparece o mundo. Mas seu grande mérito de inestimável valor para a humanidade foi Kant ter deixado bem claro que é impossível transcender a possibilidade de toda experiência, explica Schopenhauer: “Somente será possível uma *interpretação* e uma *explicação* do somatório da experiência, partindo de dentro dele próprio” (SCHOPENHAUER, 1960, p. 139). A via para o conhecimento da vontade seria, por isso, a própria intuição da coisa-em-si. Mas é preciso compreender a filosofia de Schopenhauer como a simplificação da doutrina kantiana, como se àquela fosse um lento desenvolvimento desta. É esta razão pela qual Schopenhauer sempre tem por base a filosofia transcendental, transmutando-a no termo “Vontade”.

Sobre o IV livro pode-se dizer como Thomas de Quincey: “Vamos agora, com os olhos da imaginação [...] levantar a cortina e ler o terrível registro de tudo” (QUINCEY, s/d, p. 83). Entendendo a gravidade da existência e a positividade da dor, Schopenhauer lembra os cínicos quando estes julgavam necessariamente e com sabedoria a “[...] completa rejeição dos prazeres, pois viam nestes apenas armadilhas que nos entregam à dor” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 144). O negativismo de Schopenhauer é às vezes até cômico: “[...] porque ser muito infeliz é deveras fácil; já ser muito feliz não é só difícil, mas totalmente impossível” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 145).

O filósofo fala da importância da riqueza interior que cada um possui dentro de si e exemplifica com o seu modo comercial de ver as coisas:

[...] do mesmo modo como o país mais feliz é o que precisa de pouca ou nenhuma importação, também o homem mais feliz é aquele a quem a própria riqueza interior é suficiente e que necessita de pouco ou nada do exterior para seu entretenimento”. (SCHOPENHAUER, 2006, p. 30)

O autor chama a atenção para a falsa aparências das coisas: “[...] quase tudo no mundo pode ser chamado de nozes ocas” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 149). O mesmo que já era feito séculos antes por Platão: “[...] os olhos do corpo estão repletos de ilusões” (PLATÃO, 2004, p. 149). O próprio Schopenhauer na sua resposta à questão da moral aduz: “Não é qualquer um que consegue diferenciar claramente o interesse puramente teórico, [...] das santas convicções do coração” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 6). A virtude entra em cena como apanágio do ser inteligente e eleito pela *aristocracia da natureza*. A partir disso, é preciso pensar a filosofia de Schopenhauer como uma espécie de botão de autodestruição

intelectual, já que moral, humana. Principalmente porque não há moral nenhuma no prazer do homem: “[...] o seu prazer de momento, eis a única realidade que existe para ele. É para isto que ele faz tudo, até o momento em que uma noção mais verdadeira das coisas lhe abre os olhos” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 370-371). Geralmente é a noção da morte que faz o homem virar um ser moral. Aos epicurista, em vez de estimulá-lo, dever-se-ia dissuadi-lo o quanto antes com o oráculo de Sileno: “Porque me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir?” (NIETZSCHE, 1996, p. 36). É a própria curiosidade que acaba matando-o. O próprio desejo de saber e de gozar.

Schopenhauer põe-se totalmente de fora para explicar a condição humana. Parece quase impossível que um homem o tenha feito tão friamente quanto ele. O tédio teórico e o pessimismo estampam toda obra: “Em qualquer parte do mundo, não há muito a buscar: a miséria e a dor o preenchem, e aqueles que lhes escapam são espreitados em todos os cantos pelo tédio” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 31). Schopenhauer diz que quando esperamos demais da vida os acidentes não tardam a chegar. São esses pequenos traços que vão levando o filósofo à negação do mundo. Motivos não faltam porque: “O destino é cruel e os homens são deploráveis” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 31). Por isso a justiça desinteressada e a caridade genuína são as virtudes culminantes da sua doutrina ética e moral.

A linguagem de Schopenhauer mantém-se firme na ciência e por isso não erra. Mesmo após tergiversar sobre sonhos ele volta ao conhecimento lógico do saber humano. No entanto, Schopenhauer prioriza a intuição: “[...] os juízos saídos diretamente da intuição, [...] são para a ciência o que o sol é para o mundo” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 73). A intuição seria o conhecimento claro e evidente, independente da análise racional. Ele fornece de antemão aquilo que é essencial para o entendimento e parte exclusivamente da experiência. Eis o que escreve Nietzsche possível crítica ao pessimismo:

A luz do dia mais crua, a racionalidade a todo preço, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, sem instinto, oferecendo resistência aos instintos era, ela mesma, apenas uma doença, uma doença – e de modo nenhum um caminho de retorno à “virtude”, à “saúde”, à felicidade... *Ter de* combater os instintos – eis a fórmula para a *décadence*: enquanto a vida se intensifica, a felicidade é igual a instinto. (NIETZSCHE, 2000, p. 375)

Supostamente o M.V.R. estaria suplantado em uma idéia de arte, entretanto, a representação se dá ao nível da experiência, e assim, torna-se o espelho da própria vida conhecida. É pela visão que o homem sabe o que quer e sua pupila dilata-se ao contemplar-se no espelho. Dá-se o mesmo com seu parceiro evolutivo. A arte está em ambos, pois ela é o

conceito humano da beleza. Schopenhauer supervaloriza a sabedoria estoica pelo fato de ela se guiar pela razão, não deixando se iludir pela beleza das aparências. Age assim de forma a evitar o sofrimento póstumo.

A filosofia e todo o saber devem ser postos em prática, ensina Schopenhauer, pois do contrário, torna-se obsoleto. A razão nunca alcançará o ser em si das coisas e o homem morrerá sem saber de onde veio. A última parte do M.V.R. remonta ao fantasma da filosofia e o chama como farol da vida, não indagando, mas afirmando. Nas suas palavras: “Existe apenas um método sã de filosofar sobre o universo; existe apenas um que é capaz de nos fazer conhecer o ser íntimo das coisas, de nos fazer ultrapassar o fenômeno: é aquele que deixa de lado a origem, a finalidade, o porquê [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 288). Schopenhauer refere-se ao conhecimento que se liga diretamente ao fenômeno, não indagando sua essência.

Há uma frase que Nietzsche diz no Zaratustra: “Eu sou um viajante e um trepador de montanhas, [...] não me agradam as planícies, parece que não posso estar muito tempo sossegado” (NIETZSCHE, 2008, p. 134). Trata-se de uma frase que vem ao encontro de certa forma com aquilo que Schopenhauer falava ao dizer que: “O homem inteligente aspirará, antes de tudo, à ausência de dor, à serenidade, ao sossego e ao ócio, logo, procurará uma vida tranqüila, modesta e menos conflituosa possível” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 26). Percebe-se claramente que Nietzsche fez exatamente o contrário daquilo que seu mestre havia dito antes. Essa foi a loucura de Nietzsche e a grande firmeza de Schopenhauer. Todavia, seja em um filósofo quanto em outro, o aprofundamento é perigoso, porque um leva às alturas e o outro à profundidade do abismo. Não é a toa que Nietzsche escreveria mais a diante: “Para as minhas doutrinas preciso espelhos límpidos e polidos” (NIETZSCHE, 2008, p. 235). O filósofo entendia o que significava passar pelo crivo schopenhauriano. Mais à frente Zaratustra exclama: “É preciso chegarem os *leões risonhos!*” (NIETZSCHE, 2008, p. 236). Referindo-se àqueles que superaram as doutrinas da tristeza pregadas por Schopenhauer.

Diógenes ao dizer para Alexandre: “Não me tires aquilo que não podes me dar”, não estava se referindo apenas ao sol matutino, mas, inclusive, à sua atitude estoica perante uma escolha pela simplicidade, ou modo de vida sem desejos. Alexandre não diz nada e apenas respeita o seu desejo. É mais ou menos isso que acontece quando outros filósofos se aproximam da filosofia utilizada por Schopenhauer. Eles se afastam por saber que chegou-se a um termo. É o pensamento arraigado na paralisação dos sentidos que desenvolve o senso cósmico do teor da natureza e da vida, fazendo com que a ‘criatura’ torne-se observadora pacífica do mundo, decidindo por fim da sua continuidade ou não.

Ao abordar a realidade Antonin Artaud numa linguagem extremamente avançada falava que “Através das fendas de uma realidade doravante inviável, fala um mundo voluntariamente sibilino” (ARTAUD, 1983, p. 27). Qual seria esse mundo? Provavelmente o mundo em que o artista desapegado do cotidiano e da sociabilidade do convívio ouvisse a voz especial do divino soprando os caminhos cósmicos do destino em seus ouvidos. Tal caminho que o próprio Artaud chama de inviável.

Muriel Maia em sua obra “A outra face do nada” faz referência a um suposto “buraco negro” na consciência afirmando que:

Enquanto ser material, que eu em princípio sou “sinto” a verdade disto que sou, antes mesmo de poder pensá-la. Eu “sei” de modo inconsciente o *que* sou, porque permanentemente “sinto” o meu próprio querer, sem entretanto conscientizá-lo. E mesmo no momento em que o “conheço”, o estou perdendo para o conhecimento, embora o sinta e o “saiba”, de algum modo e em muito mais larga medida, inconscientemente. (MAIA, 1991, p. 66)

Essa e outras afirmações podem ser agrupadas aos aforismos perante os quais os filósofos se batem diariamente. A questão do “eu” e do “ego” são superficialmente dilatadas pelo lapso inconsciente das indagações sem resposta. Em fins de ditar algo para a memória o cérebro humano encontra empecilhos intransponíveis ficando sempre estagnado na pergunta inicial relacionada ao seu porquê.

A vontade cega e inconsciente sempre tende a expandir-se de alguma forma, de tal monta que chega a um ponto em que não há mais retorno. O próprio saber do homem é limitado por estreitos bloqueios que o impedem de prosseguir caminho. Esses bloqueios são as questões fundamentais a que o filósofo diz respeito. Desde os tempos mais remotos tal forma de questionamento sempre levantou suspeitas e levou muitos homens ao delírio. A filosofia schopenhauriana conhece esse limite e por isso mesmo se limita a dizer o essencial e verdadeiro situado no nosso mundo observado como vontade irracional. Dessa fatalidade do querer irracional surge uma polêmica referente a vida bem referida pela mesma autora:

Enquanto indivíduo consciente sou, em primeiro lugar, um ser material, um organismo, o qual, por seu lado, é o aparecer da Vontade em si. No processo de meu tornar-me um “eu” autoconsciente em seu “querer”, identifico-me com meu próprio corpo, enquanto aparecer concreto deste “querer”. É *no* meu corpo que sinto a vida, que existo e que penso meu existir. Na verdade, sou um prisioneiro da vida; *eu não posso senão “viver”*. Estou fatal e necessariamente atolada na existência e vejo-me obrigada a imitar-lhe a dança sem cessar. (MAIA, 1991, p. 67)

Esta “obrigação de viver” não escapa de nada que não seja vida no seu sentido mais perfeito do termo “vontade” expresso infinitas vezes na obra “O Mundo como Vontade e Representação”. O homem nunca estará livre deste jugo imposto pela divindade e tem de optar pela consagração da existência como algo maravilhoso e fantástico, pois do contrário, como Nietzsche, o sofrimento será eterno como um eterno retorno:

Máxima 380: Se o mundo tivesse um fim já teria alcançado. Se existisse para ele um estado final não-tencionado, também já deveria ter sido alcançado. [...] O próprio fato de que o “espírito” é um *devoir*, demonstra que o mundo não tem finalidade, nenhum estado final, que é capaz de “ser”. (NIETZSCHE, s/d, p. 303)

Completando na terceira parte da máxima 383:

O *devoir* permanece, em cada momento, igual a si mesmo em sua totalidade; a soma de seu valor é invariável; *em outras* palavras: absolutamente não existe valor, pois falta algo que possa servir-lhe de medida e em relação à qual a palavra “valor” teria um sentido. O *valor geral do mundo não é apreciável, portanto o pessimismo filosófico faz parte das coisas cômicas.* (NIETZSCHE, s/d, p. 303-305)

Não há escapatória. Se se faz filosofia, significa que o homem está descontente com a vida, ele precisa de um ideal, ele precisa de argumentos que sufoquem de algum jeito sua tristeza. Por isso ele recorre a meios absurdos para livrar-se desse incômodo: se embriagar, briga, quebra, etc. O homem deseja a liberdade desde a aurora dos tempos, mas não a encontra e não a encontrará, pois ele é seu próprio flagelo. Sem descanso o homem lutará sem alcançar seus objetivos, porque seus objetivos são supérfluos e passageiros.

A dor das paixões vulgares misturadas àquele ‘eu’ preocupado com as questões primordiais da vida. O filósofo nato que reflete sobre o mundo e a situação e circunstância de mundo em que vive.

Kafka certa vez escreveu sobre o ponto tênue a que todo homem de saber deve chegar, porém, a conclusão daí justificada aduz que: “De certo ponto em diante, já não há retorno possível: a esse ponto é que é urgente chegar” (KAFKA, 1987, p. 43). Eis o mesmo ponto chave que chega a teoria de Schopenhauer. Mais à frente, Kafka dirá: “Quando penso nisso, força me é confessar que a educação me prejudicou em vários sentidos” (KAFKA, 1987, p. 56). Nietzsche afirma que: “[...] arriscamos nos ferir de forma tão grave que nenhum médico poderá nos curar! [...] uma vez que poria nele mais confiança que em mim mesmo”

(NIETZSCHE, 2008, p. 18-21). Nietzsche diz que ler os escritos de Schopenhauer “[...] é como penetrar numa floresta. Respiramos profundamente e sentimos imediatamente um profundo bem-estar” (NIETZSCHE, 2008, p. 26). Entretanto, o próprio Nietzsche se perturbou após um longo tempo, e durante a sua vida inteira sofreu com a sombra de seu Mestre.

Para a dor da existência e principalmente servindo como paliativo da consciência da morte, Schopenhauer chama a atenção para a arte que ganha espaço integral no III Livro do M.V.R., principalmente para a música. No entanto, essa fuga dentro da própria obra é apenas um recreio esperado e que logo tem um fim. Em seu compromisso com a verdade, Schopenhauer pode até apontar para o destino: “Sim, sem dúvida, tudo está, pode-se dizer, infalivelmente determinado de antemão pelo destino” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 317), no entanto, logo depois ele completa cientificamente: “[...] mas esta determinação acontece por intermédio de uma cadeia de causas” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 317). Porque apesar da arte, o homem continua só e desesperado, apenas escondendo seus sentimentos com resquícios de cordialidade. E é neste ponto que é preciso levar a sério Schopenhauer e lembrar que acima de tudo ele proclama a verdade, como um tesouro para a humanidade. E que esquecendo os preconceitos, o homem deve sentir-se exaltado perante tal possibilidade.

A figura de Nietzsche, retirando suas obras prematuras, sofreu o tempo todo o peso da sabedoria schopenhauriana. São escritos amargurados do homem que tenta se livrar da verdade proferida pelo oráculo. E até hoje não houve um homem se quer que conseguiu adentrar tal pântano sem sujar os pés. Não é nem preciso mencionar a palavra filósofo. Schopenhauer deveria ser evitado pelos humanos, ou então, ser definitivamente aceito, assim como a bomba atômica e a extinção nirvânica. Neste sentido o preceito do “Conhece-te a ti mesmo” já não soa mais tão agradável, e é bem possível que o homem nunca queira chegar perto de tal sabedoria.

O fundo triste da vida e o vazio da existência também levaram poetas da envergadura de Rimbaud, em seus derradeiros dias a escrever: “Enfim, nossa vida é uma miséria, uma miséria sem fim! Por que existimos?” (MATARASSO; PETITFILS, 1988, p. 176). E mesmo o grandioso John Keats escreve em uma carta: “Haverá outra vida? Acordarei e descobrirei que tudo isso é um sonho? Tem de ser – não podemos ser criados para esse tipo de sofrimento” (KEATS, 2002, p. 10). Argumentos de experiência que confirmam a verdade anunciada claramente por Schopenhauer não faltam e, aliás, são abundantes na história da humanidade.

2.2 A abordagem schopenhaueriana

Schopenhauer escreve utilizando uma estratégia: a clareza científica e o apelo ao leitor. Trata-se do apelo à própria heautognose, o conhecimento de si mesmo. Seria o único meio de o indivíduo ascender ao grau de cientista amante da verdade. Qual verdade? Que a humanidade sofre. Fato que seria positivo se ela fosse masoquista. No entanto, ela não é. Ao menos a maioria não é. A humanidade está enclausurada na existência. Por isso torna-se difícil discordar do conteúdo uma vez absorvido. A consciência do cuidado que se deve ter ao visualizar tais símbolos e tais idéias paradoxais são as ferramentas e as armas que se deve ter em mão ao contemplar a verdade. Principalmente a verdade schopenhaueriana:

[...] o esforço mais abnegado e sincero, o ímpeto irresistível para a decifração da existência, a seriedade da meditação que se esforça para penetrar no mais íntimo dos seres e o entusiasmo genuíno pela verdade – tais são as condições primeiras e imprescindíveis para a ousadia de se apresentar, mais uma vez diante da antiga esfinge, numa tentativa reiterada de resolver seu eterno enigma, sob o risco de se precipitar, como tantos outros predecessores, no abismo escuro do esquecimento. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 45)

Novalis diz que: “O filósofo vive de problemas, como o ser humano de alimentos” (NOVALIS, 2001, p. 164). Os riscos não são pequenos quando se encara o problema da verdade. Em determinado momento dos aforismos, Schopenhauer medita: “Sem dúvida, quando somos velhos, temos apenas a morte à nossa frente. Todavia, quando somos jovens, temos toda a vida diante de nós. E é questionável qual das duas perspectivas é a mais grave [...]” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 273). Eis o niilismo schopenhaueriano, o hermetismo e a incompreensão de muitos não familiarizados com sua teoria.

É maravilhoso observar a defesa da filosofia por parte de Schopenhauer, assim como Shelley fez a da poesia: “[...] a filosofia é a coisa mais nobre que a humanidade já produziu, esse comércio que se faz dela parece-me uma profanação semelhante àquela de quem vai à eucaristia para matar a fome e a sede corporais” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 71-72). Desmistificando toda a formulação de conceitos complicados que sempre foi feita pela própria filosofia acadêmica, para o filósofo, todo aparato científico e formas de escrever bem não se justificam quando o conteúdo não diz nada. Não é de estranhar que Schopenhauer tenha sido banido por razões óbvias, por ser um pensador pouco acadêmico, principalmente nos tempos áureos do grande Hegel. Este fazia justamente aquilo descrito por Schopenhauer:

“[...] orações subordinadas emaranhadas umas nas outras e recheadas como gansos assados com maçãs, com essas frases que uma pessoa não pode enfrentar sem antes consultar o relógio” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 118). Por isso pode-se dizer que Schopenhauer não possuía numa expressão de Poe aquela “afetação da responsabilidade” que os demais filósofos acadêmicos possuíam. Ora, como já disse Platão: “E quando os desejos de um homem se orientam para as ciências e tudo o que lhe concerne, penso que solicitam os prazeres que a alma experimenta em si mesma e menosprezam os do corpo, ao menos quando se trata de um autêntico filósofo e que não se limita a fingir que o é” (PLATÃO, 2004, p. 193).

Grandes nomes da filosofia inspiravam-se no homem e na figura de Schopenhauer. Este, porém, ficava na condição imóvel de filósofo impopular, apenas observando com a situação de seu tempo e antevendo a posteridade.

O que se percebe em toda narrativa, principalmente do IV livro é um espírito poético muito sublime, que pode suscitar muitas indagações e divagações a respeito. Poe fala o seguinte a respeito deste espírito:

[...] por vezes este espírito poético dá um passo adiante na evolução da vaga idéia do filosófico e encontra na mística parábola da árvore da ciência e do seu fruto proibido e mortífero uma clara advertência de que a ciência não era conveniente para o homem cuja alma se encontrasse em estado infantil. (POE, 2001, p. 401)

Schopenhauer utiliza-se da sabedoria oriental. Os maiores sábios de todos os tempos sempre aduzem tal sabedoria como fonte de conhecimento primevo. Rimbaud faz referência a ela em toda sua obra iluminada como uma reminiscência. Schopenhauer não é diferente, embora, confirme fatos escritos. É a ela que Nietzsche se refere ao indagar: “Será que não existe um reino da sabedoria, do qual a lógica está proscrita?” (NIETZSCHE, 1996, p. 91). Em tais escalões o conhecimento não seria algo conveniente para qualquer um, mas sim, para o homem maduro e preparado para tal: uma espécie de metamorfose ou florescimento espiritual de iniciado. É por isso que tais conteúdos são assimilados mais facilmente por aquelas pessoas que praticam a caridade, submetem-se a grandes esforços religiosos e estão em permanente busca espiritual. Para estes sua teoria não será obscura. Se os homens considerassem o sexo, a nudez e o pecado coisas livres e naturais, logo a raça humana se extinguiria. Ora, o homem é mal e precisa desta necessidade metafísica do mal. A religião neste, ínterim, é um incentivo ao sexo e principalmente ao prazer, porque cria o proibido símbolo do desejo na maçã, na mulher e depois no mundo inteiro. Por isso o ateu é o

verdadeiro santo e mártir. O estudante sabe que a simplicidade de Schopenhauer é genial, e ninguém mais que o estudante também, sabe que: “[...] falta muito para que as simplicidades da ignorância estejam tão afetadas da verdade quanto as subtilezas da ciência e a impostura da afetação” (VAUVENARGUES, 1998, p. 104). Esse saber jovial está imbuído na teórica de Schopenhauer, pois, ela foi escrita por um jovem inteligente e de mente aberta.

2.3 A filosofia de Schopenhauer como forma de libertação

Para Schopenhauer não se pode fugir à razão e em vez de fugir da verdade o homem deve enfrentá-la e meditá-la. É o ponto onde o indivíduo não alcançando sua vontade é obrigado a pensar para encontrar um meio de alcançar o seu intento, sua crença. E saber agüentar o fardo da vida quando esse intento é impossível de ser alcançado ou não passa de uma utopia. Fato que a maioria dos jovens começam a encarar após chegarem à maioridade. Assim, o filósofo, o artista e o santo passam a ser os precursores da salvação. E como em tudo nesta vida existe um drama, segundo Nietzsche: “[...] a causa final dos conflitos que se produzem no universo e na humanidade é a arte dramática” (NIETZSCHE, 2008, p. 65). Ninguém mais do que os jovens compreendem isso. É neles que a vontade é mais forte.

A partir disso é possível adquirir uma certa liberdade, um certo alívio dentro da própria dor que surge no ensinamento de Schopenhauer, e, sobretudo, para exercer o chamado “Impulso Lúdico” explicado por Schiller, o que em tais alturas já não é uma tarefa fácil, principalmente quando o que está em pauta é a submissão da própria vida em prol do saber. Eis a tarefa maior da arte tão aclamada pelo filósofo.

No âmbito da carência humana, a ação dos impulsos implicam uma necessidade tanto moral quanto física no jogo da existência e das relações do homem. Nas palavras do próprio Schiller: “O impulso lúdico [...] imporá necessidade aos espíritos física e moralmente a um só tempo; [...] ele suprimirá, portanto, toda necessidade, libertando o homem tanto moral quanto fisicamente” (SCHILLER, 2002, p. 74). Nietzsche, por exemplo, foi um filósofo que soube muito bem utilizar a sabedoria schopenhauriana, ainda que, após anos de amargura transformando-a num Zaratustra feliz em sua própria emancipação, que anuncia o “Grande meio-dia” da humanidade, e toma a vontade como uma forma magnífica de criação.

Schopenhauer pressagiava que a salvação do mundo dar-se-ia através do desenvolvimento da inteligência, porque é apenas através da razão que o homem poderá

sacudir o jugo da existência e conseguirá suprimir a vontade de reprodução. Schopenhauer ergue suas asas contra os limites racionais, e assume esta atitude em definitivo, como num dizer de Novalis: “Toda finalidade é séria” (NOVALIS, 2001, p. 61); e também que: “O homem consiste na verdade – [...] Quem trai a verdade trai a si mesmo” (NOVALIS, 2001, p. 59). Por isso Schopenhauer foi até o fim de sua meta com o uso da própria filosofia de vida.

Até mesmo a “Teoria das Cores” de Schopenhauer declara esse mundo como a quintessência da farsa. O importante para o filosofar profundo e lógico é compreender que a tendência humana à morte nunca foi algo descomunal, pelo contrário, é algo muito comum, tal como diz Novalis: “O tempo da Luz é mensurável; mas o império da Noite é sem tempo e sem espaço” (NOVALIS, 1998, p. 23). O que se torna difícil para o homem, é vencer a existência. A filosofia schopenhaueriana vem para alentar os homens, semelhante ao pensamento de Quincey: “Podemos encarar a morte; mas sabendo, como alguns dentre nós o sabem hoje, o que é a vida humana, quem poderia sem estremecer (supondo-se que dela estivesse advertido) olhar de frente a hora do seu nascimento?” (BAUDELAIRE, 2004, p. 178). Eis o ponto em que sua filosofia pode ser considerada como uma espécie de libertação. Em poucas palavras, é bem o oposto da essência do homem, é o caminho do bem.

2.4 A questão de Deus na filosofia de Schopenhauer

Boécio, no final da “Consolação” diz que: “[...] a imaginação não é capaz de apreender a idéia geral da espécie, e a razão não pode conceber a forma absoluta. A inteligência, no entanto, apreende tudo de maneira absoluta e por uma única visão do espírito” (BOÉCIO, 1998, p. 144). Este espírito, para Boécio e para a maioria das pessoas que lêem este trecho da sua obra, compreende como “Deus”. Schopenhauer, por sua vez, e aqueles discípulos, que hoje podem ser chamados de cientistas, entendem por “Vontade”. O mais próximo que Schopenhauer chega da idéia de Deus é quando fala de uma “JUSTIÇA ETERNA” afirmando que ela é certa e não erra, a despeito dos erros e imperfeições dos homens. Schopenhauer chega a afirmar que “o mundo mesmo é o tribunal do mundo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 450). Sua abordagem remonta as antigas concepções alquímicas do universo onde o equilíbrio entre os extremos seria a marca da perfeição. Além do mais, “[...] o pecado original, diz Schopenhauer, é ao mesmo tempo uma falta e um castigo”. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 424). Sendo assim é fácil fazer a distinção:

Pecado Original = Afirmação da Vontade

Redenção = Negação da Vontade

É por isso que Jesus acaba sendo o símbolo máximo da humanidade, pois ele é a verdadeira “personificação da negação do querer-viver” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 424). O indivíduo que não vai além do seu princípio de razão também não percebe a existência de uma justiça eterna. Acredita sair impune da vida aquele que matou e torturou, sem compreender que: “O carrasco e a vítima são apenas um”. (SCHOPENHAUER, 2001, p.372). Diferente das leis que regem o Estado dos homens, a justiça eterna governa o universo: “[...] ela não é incerta, vacilante e flutuante. Ela é infalível, invariável e segura” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 268).

Junto à questão de Deus, surge o homem como o senhor dos sortilégios, de toda vida e de toda arte. Schopenhauer fala de sua alma como “[...] uma entidade abstrata QUE PENSA”. (2005, p. 378). E que todo homem veio a ser o que é, devido ao seu conhecimento. É uma pretensão dele jogar toda essa incumbência a “Deus”. Desde a aurora dos tempos isso ficou muito bem ilustrado nas alegorias e figuras pintadas em cavernas. O conteúdo de Deus é a marca registrada de que falta a ele um sentido. Esse sentido, ou este espaço vazio, sempre é preenchido com a palavra Deus.

Schopenhauer fala do cosmos e do significado grandioso das boas ações e da caridade. Um dos motivos misteriosos da caridade deve-se ao efeito instantâneo da vontade abdicar de uma individualidade em função da outra. Sendo assim, a vontade deixa de atormentar a individualidade que renuncia em prol de outra.

Schopenhauer escreve que “[...] a única coisa que depende de nós é a vontade” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 98). No entanto, a frase não deve ser mal interpretada. Quando o autor fala que a vontade depende do homem, significa que sem ele, sem sujeito que possui o objeto (corpo) a vontade não tem como agir. Tal é a manifestação corporal da vontade que o homem pode aplacar com o uso da sua razão. Trata-se do mesmo paradoxo que Sócrates fala ao mencionar a dificuldade em encontrar a verdade pelo empecilho do corpo: “Enquanto estivermos nesta vida não nos aproximaremos da verdade a não ser afastando-nos do corpo e tendo relação com ele apenas o estritamente necessário” (PLATÃO, 2004, p. 128). Isso leva a conclusão de que quanto mais próximo da morte, mais próximo da verdade estará o indivíduo. Schopenhauer escreve que:

[...] o teísmo não é com efeito nenhum produto do conhecimento, mas sim da *vontade*. [...] ele nasce da seguinte maneira: a miséria constante que ora

angustia gravemente o coração (vontade) do homem, ora o move violentamente e o mantém incessantemente no estado de temor ou de esperança [...] essa miséria, esse constante temer e esperar fazem com que se construa a hipóstase de seres pessoais, dos quais tudo depende. [...] O essencial é, todavia, o ímpeto do homem angustiado de se lançar por terra e implorar ajuda na sua miséria, freqüente, lamentável e grande, e também em prol de sua salvação eterna. [...] Portanto, para que seu coração (vontade) tenha o alívio da prece e o consolo da esperança, seu intelecto tem de fabricar-lhe um Deus. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 105-106)

Resta claramente que a visão da verdade e de Deus para o filósofo se confundem naquilo que ele refere como nada. Sendo assim, é óbvio reconhecer Schopenhauer como um autêntico ateu. Se fé houve alguma neste homem, foi apenas a fé no nada; E o gênio segue “[...] com o espírito da Beleza Intelectual a oferecer-se como substituto de Deus” (SHELLEY, 2001, p. 99).

Schopenhauer definia a religião da mesma forma que o Estado, ou, pelo menos em estreita ligação com este. A “filosofia universitária” seria a prova disso. Portanto, o que tem de permanecer frisado é a negatividade do conceito teísta em toda sua teoria.

2.5 A felicidade no contexto de Schopenhauer

No quarto livro, Schopenhauer dissecou os sentimentos humanos, não ganhando em frieza, apenas pelo mais frio dos mortais, ou seja, seu mentor imaculado Kant. Segundo Schopenhauer o homem é mais feliz quando está familiarizado com o todo, ou seja, quando vive de forma holística com o mundo, na imersão do todo. Um dos principais meios de acesso seria a contemplação na arte. Já quando vive em função de si mesmo de forma individual ele torna-se infeliz. Trata-se da forma e do princípio básico de sua conduta, ligada ao seu agir que resulta de uma espécie de ligação cosmológica com o universo em geral.

Sobre as ações humanas, no “Fundamento da Moral”, Schopenhauer diz que elas: “[...] não possuem nenhum conteúdo moral, [...] repousando de resto sobre motivos cuja eficácia é atribuída por fim ao egoísmo do agente” (SCHOPENHAUER, 1995, p. 10). O egoísmo é a marca do homem. Nele ele deposita toda a sua força porque deseja para si tudo. Enquanto vive, o homem deseja. É a característica da sua natureza e sua expressão nos atos humanos. No entanto, Schopenhauer escreve que “a verdadeira felicidade só se adquire pela paz e calma profunda do espírito, [...] que essa paz, por sua vez, só se obtém pela virtude”.

(SCHOPENHAUER, 2001, p. 96). A felicidade suprema só pode ser encontrada na solidão e no retraimento, justamente porque “[...] as diferenças de individualidade e disposição conduzem sempre a uma dissonância, mesmo que leve” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 164). É como na expressão do poeta maldito: “Ride, mas chorai ao mesmo tempo” (LAUTRÉAMONT, 2005, p. 190).

Quando Schopenhauer fala em representação ele quer demonstrar que os atos e movimentos humanos são como um filme que está sendo rodado, porém, em vez da fita, há a matéria: corpos, vontades e a grande máquina que move tudo que é o universo. Sua teoria conduz à sua própria admoestação de que a realidade não deve se reduzir nem à vontade, nem à representação, e sim, ir além, através da filosofia, da ciência, e da razão do homem. A única felicidade verdadeira está, portanto, no conhecimento puro. Uma contemplação livre de todo querer é uma felicidade que não parte da necessidade nem do sofrimento.

Schopenhauer insiste na realidade da dor, considerando, tal como Aristóteles, a felicidade um sentimento mais do intelecto e, portanto, mais fantasioso e falso. As aparências enganam, Schopenhauer foi um homem totalmente convicto disso. Onde ele conseguia as respostas? Na natureza, mas, sobretudo, e principalmente em si mesmo. Em suas palavras: “[...] é difícil tratar da coisa com argumentos plausíveis” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 110). O filósofo encontra na morte a dádiva da salvação eterna. Seu conteúdo inteiro está no IV livro. Frases do tipo: “[...] o dia de hoje vem uma só vez e nunca mais”. (SCHOPENHAUER, 2006, p. 157), ajudam o homem a se situar melhor e viver mais intensamente o momento. Todos os filósofos sempre ressaltaram a importância do pensamento ligar-se ao tempo presente, e não futuro, muito menos passado. Neste simples ato, a felicidade humana tão almejada estaria inevitavelmente atrelada. Também é com muito acerto que Schopenhauer diz: “se todas estas reflexões se tornassem um pensamento verdadeiramente vivo em nós, conduzir-nos-iam bastante longe na serenidade estóica e reduziriam grandemente o cuidado que temos com a nossa felicidade pessoal” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 331). Viver ao dia também contribui para a felicidade. O motivo pelo qual se sente uma tremenda angústia a noite é o resultado do medo instintivo do fim da vida, visto que o mundo está em repouso e o sol parece realmente não existir. O mundo da representação encontra-se velado. O viver alegre que se dá no dia está em que a luz ilumina a aparência, ou seja, a representação, único motivo que guia a paixão da vontade, ao passo que à noite, o mundo se encontra velado. Deve-se presumir a tristeza que deve tomar o homem que fica cego e que tem de recorrer a outros meios do sentido para satisfazer de alguma forma o ego, como por exemplo, a música, já que esta é tida como a maior forma de expressão da vontade, longe do véu de maia. Novalis

fala de um atuar imanente: “Assim a vida terrestre origina-se de uma reflexão originária, um primitivo entrar-dentro-de-si, concentrar-se em si mesmo [...]” (NOVALIS, 2001, p. 60). Schiller também chama a atenção para essa necessária concentração do homem em si mesmo: “Não é no mundo que o cerca, na azáfama da vida ativa, é apenas no coração que o encontra, e apenas no silêncio da contemplação solitária encontra seu coração” (SCHILLER, 1991, p. 100).

Usando mais uma comparação entre Schopenhauer e Nietzsche, aquele fala sobre a alegria: “[...] é sempre no fundo esta ilusão de acreditar que se descobriu na vida o que não podíamos lá encontrar, a satisfação durável dos desejos que nos devoram e renascem sem cessar, em uma palavra, o remédio das preocupações” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 333). E então, ao lembrar da alegria de Zarathustra o do fim de Nietzsche, percebe-se a verdade de Schopenhauer: “Ora, toda ilusão deste gênero é um cume de onde será preciso descer bem depressa, [...] A natureza das alturas é de tal maneira que se pode voltar de lá por uma queda” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 333). Por fim o filósofo termina aconselhando: “É preciso, portanto, evitá-las: uma dor súbita e extraordinária é apenas essa queda, o desaparecimento desse fantasma” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 333). É a caça à felicidade que torna o jovem infeliz. Jogar com a vontade é agir com inteligência, logo: “No reino da inteligência, não governa dor alguma; tudo é conhecimento” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 36). A única forma de felicidade plena, para Schopenhauer está no conhecimento puro e livre de todo querer. Aqui o filósofo fala da música: “[...] a melodia oferece-nos como uma história muito íntima da vontade que chegou à consciência dos mistérios da vida, do desejo, do sofrimento e da alegria [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p.337). Em seus fragmentos, da própria obra principal, Schopenhauer termina concluindo que: “[...] toda *felicidade* e todo *prazer* são de gênero *negativo*, enquanto a dor é de gênero *positivo*, a vida não nos é dada para ser usufruída, mas para ser cumprida e suportada” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 48). Toda dor ganha este aspecto positivo porque é imediatamente sentida, ao passo que a felicidade é uma mera ausência daquela: “Como nós *não sentimos* a saúde de todo nosso corpo, mas apenas o pequeno local onde o sapato nos aperta” (SCHOPENHAUER, 2000, p. 277). O homem maduro compreende melhor a vida e se retém porque sabe que “[...] toda felicidade temporal é construída sobre a mesma base; toda sabedoria humana repousa sobre o mesmo terreno, um terreno minado” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 371). Portanto, longe de uma viabilidade vital, ou de uma afirmação da vida, como se queira representar ou definir, Schopenhauer se retira de cena. Quanto a luta: “Se a vida humana corresponder ao conceito de tal existência, é uma questão que como se sabe, a minha filosofia nega” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 1). É o que

Schopenhauer escreve justo nos aforismos referentes a eudemonologia e à sabedoria de vida. Visto que a eudemonologia visa bem o oposto, ou seja, a afirmação da vida, fica declarada a oposição de Schopenhauer frente à vida.

Em resumo, para simplificar a questão da felicidade, Schopenhauer diz que é possível ludibriar a necessidade e o tédio criando um ideal imaginário, que, no entanto, jamais deve ser alcançado. É desta maneira que se sustenta uma esperança na mesma linha da necessidade metafísica que garante uma certa dose de alegria necessária à vida do indivíduo.

2.5 A compaixão como fundamento da moral

Dentre as motivações morais dos homens escolhidas por Schopenhauer, ou seja, o egoísmo, a maldade e a compaixão, o IV livro se concentra principalmente na compaixão sendo ela a essência do pensamento schopenhauriano. Nela está a grande fundamentação da moral que Schopenhauer resume como um processo misterioso que daria início à redenção do indivíduo. Até porque na visão de Schopenhauer, a desapareção do homem só ajudaria a natureza em vez do contrário. Seu pensamento leva a crer que para a grande ordem das coisas o homem deve aprender a desaparecer devido à própria maldade de sua índole. Ter inteligência, portanto, significa estar a par desta vontade maligna, e saber se defender de toda ilusão do mundo, fiando-se a uma conduta regrada pelo uso da razão para se auto-impor limites.

Ao estudar a fundo a essência humana o filósofo diz que: “[...] o homem justo mostra que RECONHECE sua essência, [...]. Exatamente neste grau vê através do Véu de Maia e iguala a si o ser que lhe é exterior, sem injuriá-lo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 471). Sobre o homem bom afirma que: “Em realidade, no homem bom, tem-se o conhecimento que domina o ímpeto cego da Vontade” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 473). Por fim o “homem nobre”, seria a sublimação dos dois, porque trata-se daquele que: “ESTABELECE MENOS DIFERENÇA DO QUE A USUALMENTE ESTABELECIDADA ENTRE SI MESMO E OS OUTROS. [...]”; Pois àquele que pratica obras de amor, o véu de Maia se torna transparente [...]” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 473-474). O processo de compaixão é, portanto, “*misterioso*, pois, é algo de que a razão não pode dar conta diretamente e cujos fundamentos não podem ser descobertos pelo caminho da experiência” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 163).

A vida e a vontade de vida demonstrada pelos homens é algo mal. Longe da atitude estoíca, tal vida não se compara com a dos verdadeiros mártires e santos de todos os tempos, àqueles para os quais Schopenhauer chama a atenção do leitor o tempo todo. E nos quais remete a gama de força do amor: “Todo amor puro e verdadeiro é compaixão. Todo amor que não é compaixão é amor-próprio [...] em italiano, compaixão e amor puro são expressos com a mesma palavra, *pietà*” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 478). A moral em Schopenhauer sendo cheia de compaixão, amor e renúncia tanto em favor do próximo, como do próprio mundo em si, possui já em sua essência um profundo significado religioso. Por isso Schopenhauer fala da compaixão pelo próximo como a si mesmo, reconhecendo que todos são dignos de pena: “[...] o que pode mover a bons atos, a obras de amor é sempre e tão-somente o CONHECIMENTO DO SOFRIMENTO ALHEIO, compreensível imediatamente a partir do próprio sofrimento e posto no mesmo patamar deste” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 477). Assim, longe de procurar uma continuação da catástrofe do sofrimento, a compaixão seria o ato essencial e alvo último da vontade do homem que “se reconheceu em tudo que existe, para se negar, em seguida, a si mesma livremente” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 430). A metafísica da compaixão é em si algo grandiosamente inexplicável. É algo como o maior segredo por detrás de tudo aquilo que o homem almeja quando busca o poder, e, no entanto, tem de recuar espantado ao descobri-lo na caridade ativa. Parece ter sido esta a mensagem de Cristo. Ele aceitou a morte com resignação, como o mendigo que agarra o pão. Sua mensagem de compaixão e renúncia o demonstram. É como se ele dissesse: Vejam! Somos assim. Foi meu semelhante quem me crucificou, logo, eu também sou assim, por isso devo morrer. Nossa essência é má, logo, não deve mais ser.

Sendo o sentimento de compaixão o triunfo moral do homem, este toma conhecimento do delito que é colocar um indivíduo neste mundo. Quando o sentimento de compaixão toma conta de seu ser ele não o faz. Assim, o humano se redime, o iniciado compreende a grande obra e a virtude vence a concupiscência. É por isso que “a noção de essência da virtude, permanece sempre inacessível à maioria” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 373). O agir com compaixão é uma tarefa extremamente difícil e redentora porque vai totalmente contra a natureza má do homem. Aqui se compreende o significado da afirmação que toda moral é ao mesmo tempo fraqueza: porque a moral quando se justifica na compaixão, (como explica a filosofia schopenhauriana), redime a humanidade como um todo. Vai contra o outro fundamento da vida que se justifica na luta e na vitória do mais forte, já que não luta, ajuda, e se extingue.

Todo ser evoluído compreende que é a maldade humana que vai contra aquilo que o homem mais precisa. Ou seja, como diz Thomas de Quincey: “[...] a derradeira necessidade [...] é a necessidade de amor” (QUINCEY, 2003, p. 92). O motivo pelo qual se ama mais ao filho doente deve-se ao fato de que ele é um ser puro, e do qual, sabe-se, ele não poderá gerar outro indivíduo. A vida não mais se renovará. Neste caso, a vida dos pais de tal criança, torna-se uma espécie de poema soturno, até seu desfecho final estranhamente assimilado pela frágil consciência humana. William Blake diz que “[...] a piedade fragmenta a alma” (BLAKE, 2005, p. 60). Ela termina compreendendo que amar seus semelhantes é a tarefa suprema e mais essencial do Ser. E para resumir em duas palavras a idéia de Schopenhauer: trata-se de um ato imoral por filhos no mundo.

3 A COISA EM SI

Sobre a coisa-em-si, Schopenhauer parte do pressuposto que ela é uma vontade que se manifesta de forma cega e irracional. Sua maior objetivação se dá na espécie humana, a qual se reconhece plenamente na representação. O M.V.R. é um espelho, cujo reflexo é a representação objetivada. A idéia da coisa-em-si em seus graus de objetividade. Ou seja, a vontade torna-se objetiva em diversas ramificações que vão desde as formas mais inferiores que são os vegetais e plantas até um nível mais complexo nos animais. A racionalidade é o seu grau máximo, e é no homem que ela se objetiva desta forma. A representação, assim, é uma manifestação da vontade. O aspecto fundamental é que ela se manifesta no homem intuitivamente, sendo que a razão só serve de meio para atingir os fins daquela.

Certamente existem gradações desta manifestação irracional do universo que abrangem tanto níveis mais inferiores, quanto níveis mais superiores, no entanto, apenas o que se conhece permanece sendo da alçada do conhecimento e da racionalidade humana, e de forma alguma podendo ir mais longe do que a ciência lhe revela.

3.1 A vontade onipotente

A noção de coisa-em-si (vontade) no ocidente, ao contrário do oriente foi compreendida quase de forma física como orientada pela razão. Já no oriente, ela foi assimilada como uma forma intuída. A coisa-em-si em Kant não teve muito esclarecimento, porque não era objeto da filosofia transcendental, ou seja, daquilo que viria antes ou depois da experiência. Muito embora ela seja transcendente ao indivíduo, os argumentos referentes a ela foram expostos por Schopenhauer de uma forma clara porque denominada. O grande mérito de Kant nos eloqüentes elogios de Schopenhauer é o poder que Kant tem de deixar o intelecto em suspensão, pela “[...] ‘unidade sintética da percepção’ de todos os fenômenos” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 32), ou seja, de fugir ao mundo fenomênico ao qual inevitavelmente o homem está atrelado como que numa espécie de ilusão “onírica”. Esta unidade sintética da percepção “[...] é aquela conexão do mundo como um todo que repousa nas leis do nosso intelecto, e é, por isso, inviolável” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 52-53). Assim, Schopenhauer parte do pressuposto que todo ser na natureza possui uma vontade de

vida *cega e irracional*. Logo, o filósofo parece adotar uma tradição de conhecimento completamente oposta ao seu próprio berço (ocidente). Pela sua própria natureza, explica Schopenhauer, a coisa-em-si “ – é algo de necessariamente e de impossível ao entendimento humano assimilar e pensar. De tal modo que, se um ser superior descesse sobre a terra e se desse todo o esforço para comunicar tal solução, nada entenderíamos do que nos revelasse” (SCHOPENHAUER, 1960, p. 147). Essa vontade seria, então, a responsável pelo universo existente, das coisas, dos seres que são conhecidos e inclusive daquilo que não se compreende.

Platão afirma no Fédon que o homem já havia usado seus sentidos antes do nascimento, e que antes de nascer, já havia igualmente, adquirido essa consciência. Portanto, se conclui que a coisa em si já é sua matriz formadora tanto do momento da sua concepção quanto de sua extinção. Do ponto de vista fenomenológico, tal vontade seria aquilo que por essência os filósofos, astrônomos e alquimistas chamam de segredo ou a magia do universo. Por exemplo, Paulo Coelho diz que “[...] existe uma grande verdade neste planeta: seja você quem for ou o que faça, quando quer com vontade alguma coisa, é porque este desejo nasceu na alma do Universo” (COELHO, 1996, p. 48). Shelley, do mesmo modo afirma que: “[...] há um princípio interno no ser humano [...] que [...] não produz melodia apenas, mas harmonia” (SHELLEY/SIDNEY, 2002, p. 171). Todavia, no homem, a teoria de Schopenhauer é mais pragmática e menos poética. O filósofo não dá a entender que o mundo seja algo bom, mas sim, um lugar que se vêem para remir os pecados sabe-se lá onde contraídos. O simples fato da concepção já é para Schopenhauer um pecado e isso demonstra o quão religiosa e implicitamente reprovadora da vida era sua teoria. Sobre isso Durant escreve que:

Pode, às vezes, parecer que o intelecto dirige a vontade, mas apenas como um guia dirige seu amo; a vontade é ‘o cego robusto que carrega em seus ombros o coxo que vê. [...] Não queremos uma coisa porque encontramos razões para isso, encontramos razões para isso porque queremos; podemos até elaborar filosofias e teologias para cobrir nossos desejos. Daí Schopenhauer chama o homem de “animal metafísico”. (DURANT, 1984, p. 42)

Para tornar ainda mais clara a noção da vontade, eis o que escreve Schopenhauer: “[...] o mundo, enquanto objeto representado, oferece à vontade o espelho em que ela toma consciência de si mesma [...] nascimento, morte, estas palavras tem sentido apenas em relação à aparência visível revestida pela vontade [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 288-289). Portanto, ele é representação. Seu caráter e critério é a liberdade total: “[...] a vontade é em si única realidade puramente livre, que se

determina a ela mesma; para ela, não existe lei” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 300). É a mesma condição dos insurretos e rebeldes de todos os tempos. Pode-se mesmo afirmar que eles são pura vontade em movimento. Como o Amor e as tragicomédias romanescas. Schopenhauer define a vida humana em três formas extremas, a saber, (SCHOPENHAUER, 2001, p. 337):

- A vontade enérgica (a vida com grandes paixões)
- A contemplação das idéias (prazer do gênio)
- A letargia e o aborrecimento

No entanto, raramente a vida humana mantém algum desses extremos, mas permanece oscilando entre um e outro para fugir ao tédio. Para o homem existe apenas o que ele vê e sente, a representação ganha lugar privilegiado em seu discurso, pois é em cada representação que cada homem viverá seus anos de vida. Ao fazer análises profundas sobre cada questão moral que envolve esse ‘mundo de vontade e representação’ o filósofo coloca em pauta temas que vão desde o aspecto fisiológico do homem, até questões arraigadas na única espécie capaz de conjecturar sobre o passado, presente e futuro. Schopenhauer acrescenta:

O mundo é tão somente o espelho desse querer. [...] A responsabilidade pela existência e pela índole deste mundo só este mesmo pode assumir, ninguém mais; pois como outrem poderia ter assumido essa responsabilidade? – Caso se queira saber, em termos morais, o que valem os homens no todo e em geral, considere-se seu destino no todo e em geral: trata-se de carência, miséria, penúria, tormento e morte. A justiça eterna prevalece. Se os homens, tomados como um todo, não fossem tão indignos, então seu destino, também tomado como um todo, não seria tão triste. Nesse sentido podemos dizer: o mundo mesmo é o tribunal do mundo. Pudessem alguém colocar toda a penúria do mundo em UM prato da balança, e toda a culpa no outro, o fiel permaneceria no meio. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 449-450)

O que varia durante a vida do homem é o seu conhecimento ao contrário da sua conduta, que sempre permanece a mesma. Bem como seu querer que é sempre o mesmo, independente das mudanças intelectuais que o homem tenha feito. A sabedoria diminui o prazer, porque ela diminui o desejo. Isso se segue em todas as ramificações da vida.

Kant fala que: “O mundo tem um início no tempo e é também quanto ao espaço encerrado dentro de limites” (KANT, 2005, p. 285). O livre arbítrio em cada homem, assim como sua racionalidade dar-se-ia por “gradações sucessivas do seu intelecto na série animal” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 66). No entanto, este é guiado pela sua necessidade, que por sua vez, labora em função da vontade que atua em seu ser: raciocínio que demonstra o trabalho servo do arbítrio humano e a dependência natural de todo indivíduo que vêm a

nascer. Esta foi a resposta schopenhaueriana premiada pela Sociedade Real de Ciências da Noruega, em Drontheim, 26 de janeiro de 1839. Trabalho que foi pouco difundido e pouco valorizado no meio acadêmico até os dias de hoje, que não muitos afortunados possuem em sua biblioteca.

Schopenhauer explica que a etiologia pode até avançar e chegar a conhecer as forças primitivas da natureza, no entanto: “[...] existira sempre um resíduo irreduzível, um conteúdo da representação que não poderá reduzir-se à sua forma e que não se poderá explicar [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 133). Este conceito pode-se muito bem aplicar ao indivíduo. O princípio de razão é o limite ao qual o indivíduo chega, no entanto, este limite não possui valor algum para a coisa-em-si. Para Schopenhauer, de extrema amargura são as conclusões do homem:

[...] no começo somos todos inocentes [...], nem nós, nem os outros conhecemos o mau de nossa natureza: [...]; Ao fim, nos conhecemos de maneira completamente diferente do que *a priori* nos considerávamos, e então amiúde nos espantamos conosco mesmos. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 383)

Schopenhauer retrata as várias facetas do mundo e encontra nelas muito mais disparidades e sofrimentos do que alegria, bondade e fartura. E mesmo apesar desta verdade evidente, o véu de maia vem a turvar o seu conhecimento:

[...] o Véu de Maia turva o olhar do indivíduo comum [...] Vê uma pessoa vivendo na alegria, na abundância e em volúpias, e, ao mesmo tempo, vê nas portas dela outro morrer atormentado por misérias e frio. Daí perguntar: onde se encontra a retaliação? Ora, ele mesmo, em ímpeto veemente da Vontade, que é a sua origem e a sua essência, lança-se às volúpias e aos gozos da vida, abraça-os firmemente e não sabe que, precisamente por tais atos de sua vontade, agarra e aperta a si firmemente as dores e os tormentos da vida, cuja visão o terrífica. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 450)

Maia está em tudo, e, é por sua causa que existe o mundo e os homens. É a beleza: “[...] a inclinação do nosso espírito à farsa”. (LAUTRÉAMONT, 2005, p. 188). Para Isidore Ducasse, este autor desconhecido, rir, não era um ato nobre. Como poeta, ele sabia da difícil condição humana a qual: “Nada é indigno para uma inteligência grande e simples”, onde “o mais diminuto fenômeno da natureza, se houver mistério nele, tornar-se-á, para o sábio, inesgotável matéria de reflexão” (LAUTRÉAMONT, 2005, p. 189). Lembra o episódio de Schopenhauer no jardim, conforme a biografia escrita por Weissman, onde o filósofo

pergunta às flores: “Qual será a essência íntima, e qual a vontade que se manifesta nessas folhas e nestas flores? [...] O jardineiro arregala então os olhos, certo de encontrar-se diante de um louco” (WEISSMAN, 1980, p. 72).

Em sua essência as pessoas brincam. A infância encerra uma doce sensação inebriada. É esta a mensagem que Nietzsche tenta passar: a pureza imaculada no homem, que para Schopenhauer se eleva na arte. Com o tempo Schopenhauer dará primazia ao homem lúcido que vê a verdadeira realidade e consegue vislumbrar um horizonte límpido e seguro, longe da ilusão de Maia.

Nietzsche, ao contrário de Schopenhauer, ao dar ênfase à vida, diz que o homem deve procurar o eterno prazer da existência: “[...] só que não devemos procurar esse prazer nas aparências, mas por detrás delas” (NIETZSCHE, 1996, p. 102). O que querará dizer Nietzsche? Que a vida, independente de seus tormentos e dores é extremamente poderosa e alegre, assim como Dionísio e Apolo. Sim, a diferença do Mestre é a lucidez do homem que não está embriagado, e, portanto, não tem uma ilusão de beleza aumentada sobre sua visão de mundo. Diz ele: “O mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43). Schopenhauer se livra do véu de Maia ao ver as coisas como quer. É aqui que a teoria schopenhauriana pode começar a ser compreendida. Vai ser unicamente no indivíduo que Schopenhauer vai se concentrar e ao indivíduo que sua linguagem vai falar:

Pois, assim como em meio ao mar proceloso que ilimitado em todos os quadrantes, ergue e afunda montanhas d’água, o barqueiro está sentado no seu pequeno barco, confiante em sua frágil embarcação, assim também o homem individual está sentado tranqüilo em meio a um mundo pleno de tormentos, apoiado e confiante no *principium individuationis*. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 450-451)

A única coisa capaz de suprimir a vontade, segundo o autor, portanto, seria o conhecimento. Todavia, a vontade, ou, a coisa-em-si, mais especificamente, é eternamente livre, não mudando em nada o fato do homem conseguir eliminá-la pelo conhecimento. Isto simplesmente porque elimina a vontade em si, em sua individualidade, e não em sua totalidade. Num dizer de Vauvenargues seria verdade que “[...] a vontade tem também o poder de excitar nossas idéias” (VAUVENARGUES, 1998, p. 136). Com toda razão, no entanto, isso só acontece até o momento em que ela não vira macaquice. O próprio Schopenhauer afirma: “Não escondo ser de opinião que só a vontade é em nós o fio certo da meada, a verdadeira entrada do labirinto” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 59). Por isso até mesmo a vontade contribui para o seu próprio aniquilamento. Ela seria o motor do intelecto

atuando como força motriz. Então quando o intelecto, através do conhecimento, ultrapassa a própria vontade, ou seja, indo contra o instinto, acontece que:

Obedecendo a uma reflexão prévia, ou a uma necessidade reconhecida, um homem se submete ou executa a sangue-frio, aquilo que lhe é de maior (e às vezes terrível) importância: suicídio, duelo, empreendimentos com risco de vida e, em geral, coisas contra as quais toda a sua natureza animal se rebela. Nessas circunstâncias é que vemos até que ponto a razão dominou a natureza animal. (DURANT, 1982, p. 77)

É neste sentido que o homem, segundo Schopenhauer, pode ser considerado livre e diferente dos outros seres. Mas a sua vontade, jamais é livre. Schopenhauer afirma com convicção: “Assim como a árvore [...], também todas as ações particulares do homem são apenas a exteriorização sempre repetida do seu caráter inteligível” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 375). Se para o homem: “Querer e esforçar-se são sua única essência” (SCHOPENHAUER, 2005 p. 401); então ele estará destinado ao eterno sofrimento, porque: “TODA VIDA É SOFRIMENTO” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 400). No entanto isso é quase um efeito, pois o homem é mau por natureza, de uma maldade tão imensa quanto o universo.

Quando o filósofo fala que a essência da vida é sofrimento, isso fica claro para o sábio, mas para o homem comum, o melhor jeito de explicar a coisa, seria dizer-lhe que se relaciona àquele estado de prostração que ele se encontra quando não está laborando, amando ou alimentando-se.

Schopenhauer fala das necessidades do corpo humano em relação à alimentação e a isso liga a necessidade de propagação da espécie: “O desejo, por sua própria natureza, é dor [...]; a posse elimina a excitação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 404). A luta contra o tédio pode ser tão atormentadora quanto a necessidade. O caminho que Schopenhauer indica é uma alternância entre o desejo e a satisfação que ocasionariam um caminho linear entre os dois, diminuindo-se assim o sofrimento. A verdadeira alegria estaria, então, na contemplação do belo, todavia, como a grande maioria dos homens estão entregues ao seu querer, logo, esta fruição intelectual é um privilégio de muito poucos. Entretanto, Schopenhauer retifica que: “Contudo, não importa o que a natureza ou aquilo que alguém tem: a dor essencial à vida nunca se deixa eliminar; [...] a dor [...] ela ressurge em cena, em milhares de outras formas (variando de acordo com a idade e as circunstâncias)” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 405). É o acaso que torna o homem taciturno, porque não trás consigo a certeza de um amanhã. E mesmo na situação mais segura, o homem não tem a plena certeza de uma convicção. É por

isso que “[...] grandes sofrimentos tornam todos os pequenos totalmente insensíveis e, ao inverso, na ausência de grandes sofrimentos até mesmo as menores contrariedades nos irritam e atormentam” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 407). Quando uma grande lástima é suprimida, logo, outra toma o seu lugar, simplesmente pelo fato de que a consciência não agüentaria a ociosidade.

No ensaio, sobre: “A Necessidade Metafísica”, Schopenhauer explica que duas são as maiores necessidades do homem a cima de tudo:

1ª Necessidade Física: (comida, água, reprodução).

2ª Necessidade Metafísica: (crença na imortalidade, ou, objetivo).

Na segunda, há uma especial relevância, pois abarca a filosofia em cheio ao indagar o porquê de sua existência. Qual o seu objetivo aqui na terra como homem. Schopenhauer explica que foi assim, então, que a humanidade, principalmente através das religiões, que por sua vez, suprem a generalidade dos homens, resumiu a filosofia num conceito de fé. A filosofia, por sua vez, segundo o filósofo, é a metafísica da aristocracia dos homens. A religião é a metafísica popular. A filosofia a metafísica dos privilegiados. No entanto, ambos precisam de sua metafísica, ou, de uma crença, ou ainda, uma maneira de trabalhar esta crença. Supostamente, a fé de Schopenhauer estaria no NADA, o que equivale o tom obscuro de sua personalidade.

Mas o filósofo da dor também tem uma resposta, tanto para a alegria quanto para o sofrimento, e esta se daria através do entendimento. Através da intelecção daquilo que se passa consigo, o homem daria o grande salto filosófico para fora de seu ego, onde vislumbraria, então a totalidade de sua vida. Quando age assim, o indivíduo se vê nos outros. Ele pode se ver alegre, ou torturado, feio ou bonito. No entanto, tudo estará em seu intelecto e forma de ver o mundo.

Schopenhauer é um filósofo instruído pela sabedoria oriental que reconhece a unidade como um todo: “[...] é uma e a mesma essência que se apresenta em todos os viventes [...]; [um e todo] foi, em todos os tempos, a zombaria dos tolos, e a infinita meditação dos sábios” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 217). Ele aconselha o homem ao comedimento. Não subir muito, para não cair mais rápido. A tradição filosófica do caminho do meio: o *tao*. Conforme suas palavras:

Assim, poderíamos evitar ambos os extremos se sempre pudéssemos nos conduzir rumo a uma visão perfeitamente clara das coisas em seu conjunto e encadeamento, guardando-nos efetivamente de lhes atribuir as cores que desejaríamos que tivessem. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 409)

O filósofo afirma que enquanto todos os desejos não forem suprimidos, sempre haverá algo que o homem poderá acusar como fonte de sua frustração, não chegando nunca, portanto, ao âmago que trata do seu próprio ser: “Eis porque a satisfação ou o contentamento nada é senão a libertação de uma dor, de uma necessidade [...]” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 411). Schopenhauer demonstra como a vontade se manifesta nas artes, alcançando seu ápice na música, onde as mais doloridas melodias geralmente são as mais belas, justamente, por demonstrarem aquele “esforço sem alvo e interminável”. (2005, p.413), do homem em encontrar o objetivo desejado:

Assemelhando-se a relógios aos quais se deu corda e funcionam sem saber por quê [...] Contudo, e aqui // reside o lado sério da Vida, cada um desses esforços fugidios, desses contornos vazios, tem de ser pago com toda a Vontade de vida em sua plena veemência, mediante muitas e profundas dores, e, ao fim, com uma amarga morte, longamente temida e que finalmente entra em cena. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 414)

Não é difícil para os homens inventarem infernos e demônios porque: “Demônios, deuses e santos são criados pelos homens segundo sua própria imagem e semelhança” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 415). Schopenhauer chama a atenção para o que é nobilitante, demonstrando o quão difícil é para uma obra dessas chegar à luz, ou mesmo um grande homem ganhar reconhecimento em vida: “O que é nobre e sábio raramente consegue fazer sua aparição ou encontra eficácia e eco” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 417). O filósofo insiste, e descreve que: “Naquilo que concerne à vida do indivíduo, cada história de vida é uma história de sofrimento” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 417). Neste contexto, Schopenhauer já adentra o místico Nirvana e acrescenta que: “Um homem, ao fim de sua vida, se fosse igualmente sincero e clarividente, talvez jamais a desejasse de novo, porém, antes preferiria a total não existência” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 417). Em meio a tanta dor e miséria “o OTIMISMO”, diz Schopenhauer, “apresenta-se como um [...] escárnio amargo acerca dos sofrimentos intermináveis da humanidade” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 419).

É necessário compreender que a vontade apontada por Schopenhauer é cega e destituída de qualquer objetivo, no entanto uma vez afirmada, encontra seu espelho em tudo que existe, e, por conseguinte, aceita as dores que fazem parte da existência. Cada fome, cada desejo, e cada novo objeto são tidos como a forma de sua continuidade perpétua. Diz Schopenhauer: “Não se pode mudar o alvo para o qual a vontade se esforça, mas apenas o caminho que ela trilha para atingi-lo” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 198). A razão age sempre secundariamente porque: “Está na natureza das coisas que a consciência só fale *depois*”

(SCHOPENHAUER, 2001, p. 202). A vontade “é a substância íntima, o núcleo tanto de toda coisa particular, como do conjunto”; por sua vez “a vontade racional é o fenômeno mais visível do querer” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 119-120). Havendo matéria, ela será regida pelas suas próprias leis no tempo e no espaço.

Schopenhauer afirma que devido ao fato da afirmação da vontade de vida ultrapassar o corpo do indivíduo, este chega a um ponto em que “[...] a possibilidade de libertação que a inteligência chegado ao mais alto ponto de perfeição deve oferecer está visivelmente perdida” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 344). Seria este fato que estamparia a “[...] vergonha que acompanha o ato da geração” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 344). Supostos traumas e sentimento de culpa é aquilo que o homem sente no fundo de seu ser, após saber no seu íntimo que afirmou novamente o ciclo da vida, preenchida pela dor, e findada pela morte.

A vontade se manifesta numa infinidade de variações que pode se identificar ao magnetismo animal, formas espirituais e gnose. Artaud em seu desespero artístico exclamava: “Quando proponho considerar [...] uma entidade psíquica, quero dizer que não temos o direito de nos deter nos fenômenos materiais” (ARTAUD, 2004, p. 112). A seiva da vida é exposta por Schopenhauer na metafísica natural como uma “força oculta” que nem mesmo a etiologia é capaz de explicar. Na infinita extensão cosmológica ela existe imutável, sempre recriando-se, renovando-se e indo além: “A coisa em si refere-se àquilo que existe independente de nossa percepção sensorial. [...] é aquilo que realmente e verdadeiramente é” (DURANT, 1997, p. 46). O fim último do homem é encontrar sua parceria cósmica. É esse o objetivo de seus sonhos e a finalidade de sua vida, mesmo que não entenda.

Schopenhauer considera que a suprema sabedoria está em negar a vontade. Ele incita o leitor quanto à insignificância de uma vida perante a grande ordem das coisas, afirmando que nada do que é pode ser mudado, muito menos afetado pela existência de um único indivíduo em relação à vontade todo poderosa. Sobre essa Vontade irracional que rege tudo, Schopenhauer argumenta: “[...] a verdade é que aquilo de que nos queixamos não saber não é do conhecimento de ninguém ou de qualquer coisa e é, em si, absolutamente incognoscível”. (STRATHERN, 1998, p. 49). No fim dos cálculos chega à conclusão de que “os únicos felizes são aqueles aos quais coube um excesso de intelecto que ultrapassa a medida exigida para o serviço da sua vontade” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 39). Ilustração clara da primazia da razão sobre a vontade.

Ao alegar que nossa vontade não é livre, Schopenhauer já fecha parêntesis e coloca a questão da vontade em evidência. O conhecimento prejudica a vontade porque impõe limites a ela. Quando isso ocorre então o homem, o ser natural que existe no homem, ou seja, a sua

essência de vida começa a morrer. Os primeiros sintomas que o confirmam são a misantropia, as tentativas de fuga da realidade, a busca incessante da perfeição na arte, terminando por fim na apatia, depressão e morte.

Se como Schopenhauer diz: “[...] exterior à Vontade não há nada” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 355). O conhecimento, portanto, “[...] jamais atinge a essência íntima das coisas” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 355), permanecendo sempre na superficialidade.

O que se destaca no meio do ímpeto de vida é a luta pela sobrevivência. A luta e o domínio que se estende a todos intercursos da vida. Tal é a visão que o indivíduo deve absorver para compreender, sobretudo, o consolo da morte.

Explica-se a vida por conceitos como fricção, estímulo, calor, ação e movimento. Na sociedade dos homens, conforme a classe social vai baixando os conceitos também vão se vulgarizando e, neste contexto, o casamento sob o ponto de vista moral, seria nada mais que o pecado original legalizado, pois, com ele, além da convivência mútua, é principalmente o sexo que é autorizado judicialmente, independente da classe, raça, ou etnia das pessoas. Enfim, estando bem claro que natureza age por excitação, o amor, assim, estaria enfatizado essencialmente no ato da procriação como uma espécie de ritual e celebração da existência. A renovação da *substância*. Uma volúpia intermitente e em forma cíclica que como Fênix sempre queima e renasce das próprias cinzas. No mundo fenomênico, diz Schopenhauer: “[...] a idéia é a única objetividade imediata da vontade” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 184). E em outro determinado ponto do terceiro livro afirma: “Só a vontade existe: [...] ela é a fonte de todos estes fenômenos. A consciência que ela toma de si mesma [...] é o único fato em si” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 193). Esta decisão é àquela do homem racional que resolve pela continuação ou não da existência.

Schopenhauer diz que é uma tolice o indivíduo preocupar-se com a conservação do corpo, porque este é sempre renovado. A frase que diz: “A morte é um sono no qual a individualidade é esquecida [...]” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 361). Trata-se apenas de uma confirmação do dito anterior. Por isso, o autor chama a atenção para o momento ‘presente’, ressaltando que: “Passado e futuro contêm meros conceitos e fantasmas, por conseqüência o tempo presente é a forma essencial e inseparável do fenômeno da Vontade” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 362). A faculdade de formar conceitos é o que diferencia o homem dos demais animais, possibilitando-lhe com isso ter a lembrança do passado e conjeturar sobre o futuro. Mas antes de se perguntar qual o motivo porque fez tal ato: comeu tal comida, brigou, se embriagou, gostou de tal obra ou pessoa, ele deve compreender a sua

“necessidade metafísica” que rege seu intelecto e que como tudo que é natural engendra sua natureza. Esta necessidade é o mesmo motor que o leva por diferentes caminhos no seu inconsciente quando sonha dormindo, ou almeja acordado. Schopenhauer diz ainda que o motivo age “[...] com uma força proporcional àquela que ela tem de energia e a relação que ela mantém com a inteligência [...] a sua inteligência permanece numa relação constante com sua vontade” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 343). Por outro lado, pode-se perceber que a coisa-em-si manifesta-se em cada um pelo princípio individual. E ainda mais: que todos os homens vivem, justamente por isso, no mesmo eterno presente. Tal é a conclusão que levou o filósofo a raciocinar que o homem não deve temer a morte como se fosse o fim de tudo, mas sim, entendê-la da mesma forma que o eterno presente. Assim, para Schopenhauer, o homem é o espelho fiel da vontade de tudo o que existe. Ele é a própria vontade conscientizada em movimento.

A vontade sempre afirma e o homem feliz é aquele que vive de acordo com a sua vontade da sua natureza. Neste viés quanto mais o homem for ‘vassalo’ da natureza, melhor para sua felicidade, tal como o homem que trabalha cegamente sem querer saber a razão por que o faz, contanto que consiga sustentar sua prole, ainda que esta seja visivelmente miserável. Já, como bem cita Schopenhauer: “O oposto disso, a NEGAÇÃO DA VONTADE DE VIDA, mostra-se quando aquele conhecimento leva o querer a findar [...]” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 369). Em outro trecho, Schopenhauer diz que: “Lamentamos e gememos [...] quando temos esperanças de assim fazer efeito sobre os demais, ou de estimular a nós mesmos em vista de esforços supremos” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 395). Não é por menos que o homem demora a compreender o sentido da autonomia e o valor da experiência.

Devido à grandeza dos sofrimentos e da impossibilidade de contê-los, então, aparece por sua vez, a submissão. O homem se resigna ao seu flagelo existencial e compreende que o mundo é o que é, e que não é possível modificá-lo, seja por forças exteriores ou interiores a si mesmo.

A vontade é em si, portanto, alguma coisa lúdica que “[...] carece por completo de um fim e alvo últimos” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 398). Enquanto perdura, a vida do homem assemelha-se a uma roda de tortura eterna, do nascer ao perecer. Schopenhauer explica que: “Nomeamos SOFRIMENTO a sua travessão por um obstáculo, posto entre ela e o seu fim passageiro” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 399). Sendo assim, é fácil compreender porque a atividade é o artifício do homem que quando realizada o impulsiona à vida. Entretanto, quanto mais a vontade do homem torna-se perfeita, mais ele sofre. Schopenhauer é frio, e afirma com todas as letras que: “[...] nenhuma satisfação, todavia, é duradoura, e assim, portanto, [...] não

há nenhuma medida e fim do sofrimento” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 399). Note-se que o filósofo não faz defesa alguma, mas pelo contrário, só demonstra através do próprio entendimento a coisa-em-si por ela mesma, ou seja, Schopenhauer assume a poderosa voz da vontade e comunica a si mesmo e para o leitor que também é a própria coisa-em-si.

A inteligência, portanto, teria o mero papel de ilustrar nosso entendimento a cerca da nossa própria vontade com a missão de incumbi-la com motivos morais para impulsionar seus instintos. Por seu lado, o intelecto pode libertar a submissão da inteligência à vontade através do entendimento. Isso se dá pela completa contemplação desinteressada do mundo. Tarefa a ser executada inclusive na contemplação artística, hora em que o homem permanece em “estado estético”. Entretanto, este ainda não seria o fim último, porque: “O estado estético seria apenas uma etapa [...]; O acabamento do artista seria o santo” (MANN, 1981, p. 11).

É justamente porque a vida do homem é abarcada pela necessidade que ele não chega a termo algum, nem mesmo a uma circunspeção a cerca de si mesmo. Mesmo usando o conhecimento, o homem sempre acaba afirmando a vida, e tem sempre “[...] o EGOÍSMO, como ponto de partida de toda luta” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 426). Quanto mais resistência encontra, mais ele afirma sua vontade, como uma ferida quase cicatrizada que coça até se tornar novamente uma grande ferida. Neste contexto, é possível afirmar até mesmo um certo masoquismo inerente a sua vida. O autor afirma que:

Observamos não apenas como cada um procura arrancar do outro o que ele mesmo quer ter, mas inclusive como alguém, em vista de aumentar seu bem-estar por um acréscimo insignificante, chega ao ponto de destruir toda felicidade ou a vida de outrem.”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 427-428)

A humanidade, portanto, permanece sem descanso sempre presa a essa tenebrosa vontade de vida. Ainda por cima: “[...] o Véu de Maia turva o olhar do indivíduo comum”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 450). Sobre o véu de Maia, que participa da natureza do mundo, Nietzsche aduz que: “[...] é essa ilusão tal como a que a natureza, para atingir os seus propósitos, tão freqüentemente emprega. A verdadeira meta é encoberta por uma imagem ilusória: em direção a esta estendemos as mãos e a natureza alcança aquela através de nosso engano” (NIETZSCHE, 1996, p. 38). Só a vontade é exterior ao tempo e, portanto, indiferente a ele. Schopenhauer fala da desilusão do homem maduro:

Ele está totalmente desiludido e sabe que, por mais que se adorne e enfeite a vida, ela logo se revela, através de tais lantejoulas de feira, na sua miséria. [...] O traço característico e fundamental dos anos mais tardios é a desilusão. [...] adquirimos gradualmente a inteligência da enorme pobreza e do vazio da existência. (SCHOPENHAUER, 2006, p. 271).

No mundo, ocorre que o indivíduo de olhar perspicaz: “Vê uma pessoa vivendo na alegria, na abundância em volúpias, e, ao mesmo tempo, vê nas portas dela outro morrer atormentado por misérias e frio”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 450). Por isso o pessimismo de Schopenhauer ao dizer que “toda sabedoria procede, de um solo minado”. (Idem, 2005, p.451). Aquele que afirma a vida deve, por conseguinte, aceitar todos os tormentos que ela possui.

A vontade nunca se sacia: “É como o tonel das Danaides” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 462). Assim, Schopenhauer propõe como ‘*summum bonum*’ a total auto-supressão da vontade para alcançá-lo. É nesse ponto que a alegria desinteressada no sofrimento alheio causa até mesmo um bem estar contemplativo, característica típica do sadismo expresso nos meios de entretenimento e comunicação da civilização humana.

Toda vida é movimento, acima de tudo, luta pela sobrevivência. Ao ver através do *principium individuationis*, o homem percebe o mal da perpetuação deste ciclo vicioso e acaba por reter este fluxo, como um relógio que pára de funcionar, e no qual, já não se dá mais corda. Ao ver o sofrimento do outro como seu:

Não é mais a alternância entre o bem e o mal-estar de sua pessoa que tem diante dos olhos, [...] Vê, para onde olha, a humanidade e os animais sofredores. Vê um mundo que desaparece. E tudo isso lhe é agora tão próximo quanto para o egoísta a própria pessoa. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 481)

Destarte, todo conhecimento do mundo acaba tornando-se um quietivo adquirido pelo conhecimento, pela introspecção e meditação da realidade:

Doravante a Vontade efetua uma viragem diante da vida: fica terrificada em face dos prazeres nos quais reconhece a afirmação desta. O homem, então, atinge o estado de voluntária renúncia, resignação verdadeira serenidade e completa destituição de Vontade. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 482)

Schopenhauer afirma que: “O corpo inteiro é apenas expressão visível da Vontade de vida” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 509). A diferença entre o homem e o animal, está em que

o homem pode expressar a sua liberdade, tanto em ação quanto em obras, enquanto o animal não:

O animal está destituído de qualquer possibilidade de liberdade, [...] Por conseguinte, exatamente com a mesma necessidade com a qual a pedra cai para a terra é que o lobo faminto crava os dentes na carne da presa sem a possibilidade de conhecer que ele é tanto o caçador quanto a caça. NECESSIDADE é o REINO DA NATUREZA; LIBERDADE é o REINO DA GRAÇA”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 510)

O homem é um ser que vive atrelado sempre entre a alteridade da necessidade e da liberdade. A vontade é a causa de todas as coisas. É só quando sujeito e objeto se compenetraram que nasce o MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO. Schopenhauer diz ser “[...] uma e a mesma a essência que se apresenta em todos os viventes” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 217). Apesar das diferenças individuais, é impossível não considerar a unidade geral e homogeneidade dos seres humanos: O egoísmo, a beleza, a posse e o gozo, indicam o apelo característico e a marca irredutível do seu condenável desejo de vida:

A motivação principal e fundamental, tanto no homem como no animal, é o *egoísmo*, quer dizer, o ímpeto para a existência e o bem-estar. [...] este é guiado pela razão que o torna capaz, por meio da reflexão de perseguir seu alvo de modo *planejado* [...] “Tudo para mim e nada para o outro” é sua palavra de ordem. [...] se fosse dado pois a um indivíduo escolher entre a sua própria aniquilação e a do mundo, nem preciso dizer para onde a maioria se inclinaria. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 120-121)

Portanto a Vontade, ou coisa-em-si, é nas palavras de Schopenaheuer: “[...] aquilo que é simplesmente originário, verdadeiro e certo por si mesmo, ou verdadeiro na origem, [...] o princípio absoluto” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 55). A aparente liberdade obtida por meio da premeditação dos atos do ser racional, por sua vez, também, não é livre da vontade cega. Mesmo utilizando a razão, ainda assim, o homem permanece seu escravo até o fim da vida. Aí surge um paradoxo: ser racional, presa do instinto irracional. “Esta Vontade e este mundo são justamente nós mesmos [...] A forma desta representação é espaço e tempo. [...] e nada somos senão esta Vontade, e nada conhecemos senão ela” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 518). Rimbaud dizia que o sentido do “eu” humano é outro, ou seja, que ele é universal e deve ser entendido como uma unidade ética única, entretanto, sempre repetida pelos homens que vem a ser. John Keats, em uma alusão a tal forma imperecível, expressa:

*Tu, forma silente, arroja-nos no sortilégio
Qual eternidade: Fria Pastoral!
Quando a velhice arruinar esta geração,
Permanecerás, em meio a outro infortúnio.* (KEATS, 2002, p. 33).

Da mesma forma, Shelley: “[...] a imortalidade dos seres viventes e pensantes que habitam os planetas, [...] ‘vestem-se com a matéria’, com a transitoriedade das manifestações mais nobres do mundo externo”. (SHELLEY, 2009, p.32). E, por fim, Robert Walser: “[...] surgido de distâncias remotas e desconhecidas [...] O céu estava inteiro coberto de estrelas. [...] Sobe, eleva-te, profundeza! [...] nenhuma ciência no mundo a conhece”. (WALSER, 2003, p.69-70).

A vontade faz com os seres aquilo que Lautréamont canta: “Eu vos criei; portanto, tenho o direito de fazer convosco o que bem entender. Nada me fizestes, não digo o contrário. Faço-vos sofrer, e isso é para meu prazer” (LAUTRÉAMONT, 2005, p. 126). Schopenhauer confirma que a dor é própria da essência do homem, que tudo possui uma causa, e explica: “[...] constituindo a causalidade a própria essência da matéria, se a primeira não existisse, a segunda desapareceria também” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 16). Trata-se do eterno problema da causalidade, junto da qual: “Em tudo se faz valer a irracionalidade originária do nosso ser” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 194), já que “[...] O homem como a lei da causalidade [...] deve ser também submetido a esta lei” (SCHOPENHAUER, 1982, p. 217).

Sobre a natureza do interesse dos indivíduos, Schopenhauer afirma: “Buscar no outro um fim possível para nossos fins, portanto um instrumento, está já talvez na natureza do olhar humano” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 79). É a partir da indeterminação que se chega à coisa-em-si. Em duas palavras, sendo uma realidade em si mesma, “primitiva e independente”, a Vontade, para Schopenhauer é algo que não se pode conhecer, que é independente das categorias de espaço, tempo e causalidade, e que vive se objetivando produzindo, assim, idéias das coisas existentes. Para ele “[...] todo homem deve à sua vontade ser o que é”. (SCHOPENHAUER, 2001, p.308). Schopenhauer deixa bem claro que o homem sempre quer, e só depois de querer é que vêm a conhecer o que quer. Entretanto “[...] a vontade, em todos os seus fenômenos, está submetida à necessidade” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 323). Imagine-se um desejo lançado no infinito do espaço e tempo, sempre faminto e sem meta a não ser esse constante alimentar-se: eis a cosmologia. Eis o campo de atuação humano que se situa no presente eterno, pois, que: “[...] o passado e o futuro são o campo das noções e fantasmas; [...] o presente é a única coisa que existe sempre, [...] a coisa em si; nós

somos essa coisa” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 393). Destarte, após todo esforço para chegar ao saber, o homem descobre em si mesmo o maior enigma do universo, sendo a necessidade o seu árbitro.

3.2 Suicídio e morte como manifestações da própria vontade

A razão prática de Schopenhauer está em relação estreita com o ideal estóico, ou seja, no viver totalmente regado pela razão utilizando-a como quietivo da vontade. Assim, quanto mais o conhecimento se aprofunda, mais a negação do apego entra em pauta. As frases dos poetas, mesmo sendo extraordinárias e cheias de alegria infelizmente não revelam a verdade. É isto que se deveria ensinar ao jovem. Eis a reflexão do mestre:

Ganhar-se-ia bastante se, pela instrução em tempo apropriado, fosse erradicada nos jovens a ilusão de que há muito a encontrar no mundo. Porém, é o contrário que acontece: na maioria das vezes, conhecemos a vida primeiro pela poesia, e depois pela realidade. (SCHOPENHAUER, 2006, p. 252)

No entanto, mesmo sob a força poderosa da racionalidade “[...] ninguém tem uma convicção realmente vívida da própria morte”. E que: “Contra a voz poderosa da natureza a reflexão pouco pode” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 365). Isso prova o porquê da curiosidade e da ânsia de saber do homem que já ultrapassou lua, mundos e fundos na intenção de encontrar uma resposta para o enigma do mundo. Todavia, por não encontrar volta-se para o misticismo para criar algum tipo de significado, mesmo que fictício sobre sua existência que do contrário nem precisaria ser questionada. Tal como afirma o autor: “Que foi? O que é. Que será? O que foi” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 363). O único meio que soçobra em meio ao naufrágio das desilusões da vida pelo uso da racionalidade, seria, então, concordar com a natureza e segui-la, porque “[...] a natureza não mente, muito menos erra” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 366). Por não compreender muito bem como a natureza age, o homem mascara-a, fazendo com que ela tenha atrativos que o convençam de uma suposta realidade.

Neste sentido, é de se levar em conta como o filósofo não cometeu suicídio ao longo dos anos. Se não o fez, sabe-se, obviamente, que de seus estudos tirou grandes conclusões. É

bem plausível que Schopenhauer fosse contra o suicídio, pois, nesta passagem do “Mundo como Vontade e Representação” ele escreve:

[...] quem, está oprimido pelo peso da vida e ainda assim a deseja e afirma, porém sem aceitar os tormentos dela, em especial sem poder suportar por muito tempo a dura sorte que lhe coube, não pode esperar da morte a libertação, nem pode salvar a si mesmo pelo suicídio. [...] Portanto, o suicídio já se nos apresenta aqui como um ato inútil e, por conseguinte, tolo. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 365).

Ele deixa claro que aos olhos de ‘Deus’, como natureza, a vida do indivíduo não vale quase nada, embora, pertença ao todo. A morte para Schopenhauer é considerada como “[...] o piscar de olhos que não interrompe a visão” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 221). O sentimento denominado “Amor” que as pessoas sentem quando apaixonadas, é o grau máximo que a vontade atinge no ser humano:

Este sentimento [...] é o princípio dessa energia que anima e levanta tudo o que tem vida e o torna tão alegre como se a morte não existisse [...] isso impede que o pensamento da morte envenene a vida de todo ser racional. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 297-298)

O indivíduo, assim, é levado pela vida sem importar-se com a morte. Mais tarde, é justo que a vida tome diante de seus olhos um ar trágico, porque quando da sua essência, tal pensamento da morte nem era conhecido: fora meramente abafado. Este prazer da beleza da existência que entorpece a razão, é citado por Baudelaire nestes termos:

[...] a embriaguez da Arte está mais apta que qualquer outra para ocultar os terrores do abismo; que o gênio pode representar à beira do túmulo, com um alegria que o impede de ver o túmulo, perdido que está num paraíso que exclui toda idéia de túmulo e destruição. (BAUDELAIRE, 2007, p. 145)

A alegria da criação, multiplicada pelo sentido do amor, seria o véu, portanto, que não permite ao homem ver o lado negativo da vida, ou seja, a morte. Um conhecimento que será temido logo após o ritual da existência, sendo apreendido, geralmente, na idade madura. Então, frente ao problema da vida, exclama Schiller: “Fica atento, [...] Observa à tua volta! [...] A coisa é um monstro prenhe! [...] Foi por isso que me opus rebeldemente a todos os instintos humanos [...]” (SCHILLER, 2001, p. 153). Pobre do homem que não impõe rédeas aos seus desejos. E, no entanto, não são todos iguais?

Por acaso a existência de quase todos os homens, não depende na maior parte das vezes, do calor de uma tarde de Julho, ou do momento em que se vê um lençol, ou da posição horizontal de uma dessas graças de cozinha a dormir, ou ainda de uma luz apagada?... Não é o nascimento humano fruto de um capricho animal, de um mais ou menos qualquer? [...] (SCHILLER, 2001, p. 161)

O suicídio, ou seja, a tentativa da extinção do princípio individual é apenas o resultado dessa frustração existencial em que o sujeito não logrando a vontade, vira sua vítima e sucumbe a tal sentimento. Platão também escreve que: “A respeito disso existe uma fórmula pronunciada nos mistérios: “Espécie de posto de sentinela é, para nós homens, nossa permanência na Terra, e não devemos ser indiferentes a ela, nem nos evadir” (PLATÃO, 2004, p. 122). Além do mais, Sócrates ao dizer: “[...] se eu não cresse encontrar na outra vida deuses bons e sábios e homens melhores que os daqui, seria inconcebível não lamentar morrer. [...] Morrerei tendo a esperança de que existe alguma coisa depois desta vida” (PLATÃO, 2004, p. 123-124). Prova claramente que ele mantinha esperanças em relação a uma outra vida melhor do que esta.

Na maioria dos casos, o suicida pensa o mesmo, tem a mesma esperança: ele sabe que a vida não acabará por causa de sua morte. Então pela própria manifestação da vontade, o homem vem a cometer suicídio.

Longe de ser uma negação da vida, o suicídio acaba sendo a marca genuína da força da Vontade: “É precisamente porque aquele que se mata não pode deixar de querer, que ele deixa de viver. A vontade afirma-se no suicídio pela própria supressão do seu fenômeno, porque já não pode afirmar-se de outro modo”.(SCHOPENHAUER, 2001, p.418). Em todo caso, é de uma falta que nasce tal idéia. Schopenhauer escreveu com detalhes a natureza das causas que levam ao suicídio, eis uma delas:

[...] o suicídio é devido meramente ao desgosto que persiste e, em seguida, cometido tão fria ponderação e firme resolução [...] É certo que, de acordo com as circunstâncias, mesmo o homem mais saudável e talvez até o mais jovial pode decidir-se pelo suicídio, a saber, quando a intensidade dos sofrimentos domina os temores da morte”. (SCHOPENHAUER, 2006, p. 22)

Sobre a morte do indivíduo, Schopenhauer dá uma brilhante explicação em uma nota usando uma passagem *Veda*: “[...] quando um homem morre, sua faculdade de ver se torna uma com o sol, seu olfato com a terra, seu paladar com a água, sua audição com o ar, sua fala com o fogo, e assim por diante” (SCHOPENHAUER, 2005 p. 367). O magnânimo Kant em seus últimos dias de vida, segundo testemunhas, dissera: “Senhores, [...] não receio a morte. Garanto-vos, como se estivesse na presença de Deus, que se esta noite de súbito a morte me chamasse eu ergueria para o céu as minhas mãos dizendo: Deus seja louvado!” (DE QUINCEY, 2003, p. 31). E acrescenta:

Neste estado, silencioso ou balbuciante como uma criança, absorto e mergulhado num torpor [...] que contraste oferecia em relação a esse Kant que fora outrora o cintilante centro dos mais cintilantes círculos da inteligência, da nobreza [...]” (DE QUINCEY, 2003, p. 65).

Na hora da de sua morte, tudo vira moral para o moribundo. Até mesmo se ele foi um patife, suas patifarias se tornam morais e cheias de sentido em sua cabeça. Quando assimilada a idéia da morte, o homem acalma o ímpeto de vida que possui dentro de si, ou seja, a vontade de vida encontra um paliativo através do uso da razão. Em casos de doença, ou velhice isso é ainda mais comum. Um exemplo pode ser citado a partir deste trecho de uma carta de Mozart ao seu pai: “Como, para sermos exatos, a morte é o verdadeiro alvo e fim de nossas vidas, neste último ano eu me tenho familiarizado de tal modo com esta amiga da humanidade, a melhor e mais fiel, que sua imagem não mais me assusta, mas, ao contrário, me acalma e me conforta” (RCA, 1959, p. 8). A fonte de onde brotam os indivíduos é infinita, assim como seu implacável destino mortal. É justamente por isso, que não se pode afirmar de fonte segura que a morte é o fim de tudo:

[...] a dor espiritual, como a mais aguda de todas, torna alguém insensível à dor física, o suicídio é bastante fácil para quem se encontra desesperado ou imerso em desânimo crônico, embora, antes, em estado confortável, tremesse com tal pensamento. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 387)

É pela sua própria deploração interior que o homem vê no sofrimento alheio um espetáculo que alivia sua própria dor. Schopenhauer diz que o suicídio não significa nada, ou seja, ele não atinge em nenhum ponto a coisa-em-si. O indivíduo “É” aquilo que ele “QUER”: “Portanto, [...] aquilo que dá a consciência moral o seu espinho é o auto-conhecimento da

própria vontade e de seus graus” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 467). Na vida do homem, os motivos “podem apenas mudar a direção da vontade, não ela mesma”. (Idem, 2005, p.469). Schopenhauer declara que: “Na interioridade, [...] o mesmo ser encontra-se igual em todos: um pobre comediante, com seus flagelos e suas necessidades. [...] Ninguém pode fugir da sua individualidade” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 6-7). Ele aconselha também a observar a simples luta entre os animais para perceber o lado obscuro da natureza, da competição, da força do mais forte e da injustiça para com sigo mesma. Ou seja, relações de força que são injustificáveis, mas que a mãe de todas: a Vontade insiste em continuar seu ciclo de vida e morte.

Seria então, que no momento em que exala o último suspiro, o indivíduo é restituído à sua primitiva e verdadeira liberdade. Schopenhauer assegura que se a natureza se recusa a oferecer as respostas, deve-se ao simples fato de se ter formulado mal a pergunta.

Já para o dramaturgo Antonin Artaud: “O suicídio nada mais é que a conquista fabulosa e remota dos homens bem-pensantes” (ARTAUD, 1983, p. 23). Sua opinião, por mais que divergisse da de Schopenhauer, tinha a mesma intenção, pois, mais a frente ele confessa: “Não sinto o apetite da morte, sinto o apetite de *não ser*, de jamais ter caído neste torvelinho de imbecilidades, de abnegações, de renúncias [...]”. (ARTAUD, 1983, p.23)³.

É interessante observar os argumentos de Antonin Artaud porque ele não está convicto da existência morte. Se assim fosse, escreve:

Eu me livro deste condicionamento de meus órgãos tão mal ajustados com meu eu e a vida não é mais para mim um acaso absurdo onde eu penso aquilo que me dão a pensar. Eu escolho então meu pensamento e a direção de minhas forças, de minhas tendências, de minha realidade. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 249)

³ Podem parecer estranhas estas citações entre homens tão diferentes e que não tinham o mesmo rumo tanto em vida quanto em intenção, ou seja, a diferença da carreira de filósofo de Schopenhauer e a de dramaturgo (no caso de Artaud), ou, poetas, literatos, ensaístas, alquimistas e insurretos já citados, tais como De Quincey, William Blake, Lautréamont, entre outros que ainda ver-se-ão. No entanto, este acréscimo se faz pela própria excentricidade da teoria de Schopenhauer, bem como as sendas que a sua filosofia prática fornece para tal contexto da negação da vontade. Enfim, aproveita-se esta oportunidade porque são uma gama de personalidades que não podem ser meramente escanteados pelas academias devido ao fato de eles não as terem freqüentado. Isso não diminui em nada a sua contribuição ao pensamento universal, mas pelo contrário, o aumenta pelas vias de fato: a liberdade de expressão daqueles que morreram por suas obras, ou por uma simples verdade revelada, aliada à necessidade de compartilhá-la com seus semelhantes, ou, como na maioria das vezes, com a posteridade. Tal como as doces palavras de Shelley explicam, eles representam: “[...] uma série de ações do universo exterior e de seres inteligentes e éticos [...] calculada para incitar a simpatia de sucessivas gerações da humanidade”. (SHELLEY, 2002, p.189-190). É preciso que o homem tire todas as suas máscaras que obstruem o entendimento real e admitam sem medo de se sentirem humilhados por um sistema impositivo o que àqueles outros conseguiram ao custo de seu sangue. E isso tem um nome: caridade.

Alguém duvidaria deste argumento? Certamente não. Todavia, como nas palavras do velho Schopenhauer: “[...] qualquer coisa nos diz que não é bem assim: que o suicídio não desenlaça nada, que a morte não é um aniquilamento absoluto” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 340). E ainda, nos fragmentos da filosofia ele escreve: “[...] nossa faculdade de memória [...] dá testemunho de que em nós há igualmente algo que não envelhece e, conseqüentemente, não está no domínio do tempo” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 76). Sem dúvida a maioria dos suicídios acontecem com a ajuda de preconceitos prematuramente arraigados na mente do suicida. O medo, o desespero da solidão e do tédio da existência, são motivos que impelem os indivíduos ao suicídio. Geralmente, os pensamentos de um suicida, não conseguem alcançar a maturidade, levando o indivíduo a aceitar o suicídio como uma solução. A morte surge como uma amiga, isto, se a loucura não entrar em cena primeiro.

Com a morte, segundo Schopenhauer, desaparece o erro da individualização, ou seja, o indivíduo desapareceria tornando-se finalmente uno com o todo. É interessante observar o que Schopenhauer escreve no fim dos aforismos:

Eros e Morte estão em misteriosa conexão, [...] De lá do Orço provém tudo, e lá já estive tudo o que tem vida nesse momento: se pelo menos fôssemos capazes de compreender o passe mágico pelo qual isso acontece, então tudo estaria claro”. (SCHOPENHAUER, 2006, p. 275-276)

Tamanha é a conotação do significado da compaixão da humanidade, que Schopenhauer afirma não diferir do amor, sobretudo porque: “[...] somos nós mesmos o objeto da compaixão e, com a disposição de caráter mais caridosa, precisamos nós mesmos de ajuda” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 478). Schopenhauer diz ser uma vergonha não chorar diante de um morto. Ora, como não se poderia invejar tal sorte se “[...] após um longo, duro e incurável sofrimento a morte foi uma desejável salvação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 480). O próprio suicida Lautréamont, fazendo apelo ao leitor, dizia: “[...] pensa nos javalis da humanidade: o grau de inteligência que os separa dos demais seres da criação, não parece ter-lhes sido concedido senão ao preço irremediável de sofrimentos incalculáveis?” (LAUTRÉAMONT, 2005, p. 164). O homem o iguala-se a Prometeu.

Quando o indivíduo desapega-se do mundo e da vontade de mundo, então seu grau de ascese à morte é até bem-vinda como uma redenção. Schopenhauer afirma que: “O amor à vida é no fundo, apenas o temor da morte” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 166). E ainda:

[...] atirar-se aos crocodilos ou precipitar-se do pico sagrado do alto do Himalaia ou ser sepultado vivo, e também mediante o lançar-se sob as rodas do carro colossal que passeia as imagens de deuses entre o canto, [...] Tais, preceitos, cuja origem remonta a mais de quatro milênios, são ainda hoje vividos por indivíduos até os maiores extremos. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 493)

Schopenhauer nota que tantas concordâncias em tempos tão diferentes só provam o grau superior de tal virtude que termina se expressando, por fim, nos atos dos indivíduos em comum. A ação moral, portanto, é aquela que não visa interesses individuais. Trata-se de um doar-se reconhecido filosoficamente e teologicamente como uma ação ética. Tal ação significa dar a vida à própria vida. O simples “ser” do vivente seria, portanto, já um sacrifício:

[...] é bem certa a lei universal de que o homem se agarra ao suicídio logo que o inato e gigantescamente forte impulso para a conservação da vida é decisivamente subjugada pelo tamanho do sofrimento [...] já que o poderoso medo da morte, intimamente ligado à natureza de todo ser vivo, mostra-se aqui sem poder e já que tal pensamento teria, portanto de ser mais forte do que ele. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 74)

O que Schopenhauer quer dizer a respeito do suicídio, é que ele não possui justificativa moral porque não é um ato espontâneo, nem natural, portanto, em sua essência, não é ético. Já conduta ascética, por sua vez, tem um significado maior dentro da esfera ética dos costumes que se arraigaram através dos séculos pelos diferentes povos do globo, principalmente através dos seus cultos e religiões. Seu é fazer desaparecer a existência objetiva, suprimindo o sujeito pelo pensamento, ou seja, negando-se até última instância a si mesmo e ao mundo. Numa maneira tipicamente schopenhauriana de explicar: para que o defunto não vá para o além com o remorso de ter deixado alguma fagulha ainda viva para trás.

Schopenhauer ao dizer que “[...] só o conhecimento abstrato constitui o saber” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 60), demonstra que só o homem, dentre os demais animais, é capaz de pelo conhecimento abdicar de sua vida, todavia, não o faz em virtude de uma série de leis morais de profundo significado religioso. O ato de procriação e sua necessidade para Schopenhauer: “[...] ultrapassa a afirmação da existência particular [...] Sempre verdadeira e lógica, a natureza aqui é, além disso, ingênua, e coloca-nos sob os olhos toda a significação do ato gerador”. É por isso que “a possibilidade de libertação que a inteligência chegada ao mais alto ponto de perfeição deve oferecer está visivelmente perdida. Tal é a significação profunda da vergonha que acompanha o ato da geração” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 344). Conseqüentemente o fruto desse relacionamento já é um ser que vem ao mundo de maneira

proibida e, por isso, vergonhosamente. É um ser que já nasce com o fardo da dor e da morte. Eis o pecado original e a humanidade que se conhece. É por isso que se deve usar a inteligência para evitar que uma nova criança venha a nascer. Em vez de amor (instintivo), deve-se usar a inteligência, pois ela “torna possível a supressão da vontade, a salvação pela liberdade, o triunfo sobre o mundo e o aniquilamento universal” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 347). Após atravessar as trevas da ilusão, e assimilar a verdadeira compreensão do mundo, então, o homem pode permanecer sereno, como nas palavras de Novalis:

Sim, caro, e aqui nas colunas de Hércules abracemo-nos, no gozo da convicção de que junto a nós está a vida como uma bela, genial ilusão, como um soberbo espetáculo a contemplar, de que aqui já podemos estar em espírito em absoluto prazer e eternidade, e de que exatamente a antiga queixa, de que tudo é perecível, pode, e deve, tornar-se o mais jubiloso de todos os pensamentos. (NOVALIS, 2001, p. 186)

Durante sua vida o homem vê e pinta o mundo com as cores que bem entende e a grande musa da filosofia não esquece nenhuma das pinturas feitas com entrega e devoção. Às vezes é difícil compreender a atitude dos sábios que muitas vezes parecem contraditórias, mas basta ter uma noção da natureza da morte para compreender as derradeiras palavras de Sócrates: “Os cisnes, quando percebem que vão morrer, cantam como jamais cantaram [...] cantam e se alegram no dia de sua morte, mais que em qualquer outro” (PLATÃO, 2004, p. 151). A morte pode ser vista, sobretudo, como a volta ao “*status quo*” do nosso ser. Conforme o Gênesis, (3-19): “Das cinzas as cinzas do pó ao pó”. Substancialmente o ‘mundo como vontade e representação’ é a mente individual de cada um. É isso que Schopenhauer quer elucidar ao dizer: “O mundo é a minha representação” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 9). Cabe a cada um reconhecer sua representação como algo comum, ou raro, admirável, ou não. E é a partir disso que cada um nutrirá uma idéia sobre a sua morte. No caminho do mesmo nirvana vital, Artaud, ao abordar a atividade mantra dos antigos povos hindus cita: “Saber que existe uma saída corporal para a alma permite alcançar essa alma num sentido inverso” (ARTAUD, 2006, p. 154). A busca ansiosa pela morte, neste sentido, não deixa de ser uma paixão desenfreada e ter um caráter místico e religioso.

Um bom questionamento sobre a negação vital poder-se-ia ser estudado no ato da geração humana, ou seja, de ter filhos, foi realmente intencional, se foi uma mera necessidade, ou, ainda, só uma busca por prazer. A questão que se imporia seria se tal fator teria influência ou não na vontade do novo ser gerado. Se isso fosse provado, certamente não existiriam mais tantos casos de suicídio como existem até hoje na história da humanidade. Infelizmente este é

um assunto que não tem espaço aqui, pois o que está em pauta é a verdadeira negação da vida que não resulta de fraqueza alguma, e sim do puro conhecimento objetivo. Quanto aos acréscimos dados a própria noção da coisa-em-si, são uma espécie de *plus* dentro do contexto principal da dissertação, firmados nesta mesma colocação de Schopenhauer:

[...] uma doutrina [...] não pode – sem nos causar admiração – já ao surgir estar tão completa a ponto de nada restar aos sucessores para acrescentar ou corrigir. [...] Mas cabe a nós reconhecer o que foi feito, aceitá-lo com gratidão e pureza, e dar-lhe prosseguimento na medida de nossas forças, aperfeiçoando-o o mais possível. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 138-139)

Isto se justifica ainda mais pelo fato de a coisa-em-si ter sido sempre um mistério e um motivo de fascinação e estudo por parte dos homens genuinamente interessados no conhecimento dos primórdios da vida, da manifestação desta vontade, e no máximo do possível, com um modo científico de abordá-la.

4 DA NEGAÇÃO DA VONTADE

A negação da vontade manifesta-se no homem altamente esclarecido a respeito dos males deste mundo. Ela é, segundo Schopenhauer, um predicado da mente bem pensante. É uma visão do homem que se reconhece no próximo, percebe sua miséria existencial, e livremente⁴ renuncia a si mesmo, não procriando mais. Portanto, a idéia da negação da vontade defendida por Schopenhauer é uma batalha descomunal do homem sozinho contra a infinitude das forças cósmicas e geradoras vida, com o fito de dar um fim à necessidade e ao sofrimento inerente à sua natureza vital.

É neste ponto que a teoria de Schopenhauer enfrenta um obstáculo de percurso pelo próprio leitor não iniciado em seus escritos. O leitor pensa que a intenção de Schopenhauer é má, por que só vê um lado da questão, ou seja, a mera negação, quando na verdade a intenção verdadeira e o objetivo último de Schopenhauer é o paliativo de toda necessidade e sofrimento existencial da existência humana, através da redenção pela negação individual da vontade. A vontade deste, mira-se no espelho, todavia, não se deixa enganar pela ilusão da beleza, pois sabe que ela é efêmera, e termina por negá-la por conhecer deste seu estratagema que ousa continuar existindo às custas das gerações e gerações de humanos ludibriados.

4.1 O nirvana schopenhauriano

De Prometeu contam-se histórias, assim como de Jesus e tantos outros mártires e santos. Em todas elas é comum um senso crítico em relação à imortalidade. Essa mística presente na prática de vida de tais personalidades históricas formam o primeiro plano de crença das consciências comuns, e, por isso, tal crença e superstição, existiram, e continuarão a existir, enquanto a filosofia não as esclarecer. Nem mesmo a razão é capaz desse desvinculamento, porque tudo se encontra interligado, e não há como ir contra uma tradição que mostrou todos os grandes paradigmas humanitários até a nossa atual era da cientificidade. Os paradigmas do “Tao da Física” explicados por Capra ilustram bem essa realidade e apenas seres dotados de uma ignorância muito grande podem negar essas ligações entre as culturas de

⁴ Esta questão da liberdade não é a mesma definida como “necessidade” no ensaio sobre o “Livre arbítrio” de Schopenhauer. Trata-se da escolha do homem que vai contra toda máquina existencial da vida, enfrentando a manifestação da vontade até o fim de sua vida.

povos tão diferentes. O Uno primordial afirma-se em tudo, e o mesmo está em todo antes e depois. Assim expressa Shakespeare: “[...] seja voar, nadar, mergulhar em meio ao fogo, seja cavalgar os cirros-cúmulos; [...] centelhas distintas, depois reencontradas, unidas numa só” (SHAKESPEARE, 2007, p. 20). Da mesma forma Novalis: “[...] sente a ânsia e o amor [...] até que a hora entre todas bendita o faça descer ao imo da nascente” (NOVAIS, 1998, p. 29).

Seja na religião, seja na própria crença de cada um, há uma representação de algo inexplicável nas palavras “Deus”, ou “Amor”, alvos principais de tudo que o homem pode produzir de bom e gratificante, tanto para si como para seus semelhantes. Schopenhauer sempre esteve consciente de tudo isso, sua imensa biblioteca forneceu material para que ele compreendesse essa gênese da moral humana. Principalmente no que diz respeito a influência do cristianismo na mentalidade da humanidade. Resquícios invulgares de sua obra se refletiram principalmente nas obras de Nietzsche, mas foram apenas reflexos.

Os mártires conhecidos da história do mundo sempre são aqueles que renunciam piamente às coisas mundanas resignando-se a uma espécie de verdade universal ou “Verdade Divina”. É esse o elo de ligação que os prende ao cosmos e à filosofia de vida como maneira de viver. Seus atos revolucionam não só a todos seus contemporâneos e futuros contemporâneos, mas, sobretudo, a eles mesmos. Sobre essa maravilhosa fonte de santos que livremente anunciam um novo arbítrio pautado em uma ética universal, Schopenhauer diz:

Tanta concordância em épocas e povos tão diferentes é uma prova factual de que aqui de expressa não uma excentricidade ou distúrbio mental, como a visão otimista rasteira de bom grado o afirma, mas um lado essencial da natureza humana, e que, se raramente aparece, é tão-só em virtude de sua qualidade superior. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 93)

O principal problema da vida é que a maioria dos homens afirma-a sem pensar nisso, independentemente de quão problemática ela seja, e assim, vão repassando o problema existencial, até que um indivíduo corajoso resolva por um fim no problema. O fundo de toda tragédia escrita era levantar o problema do mal existencial para que os indivíduos caíssem em si e negassem tal existência. Se os gregos desaparecem, pode-se muito bem atribuir sua cultura como prova. O belo exemplo dado pelos santos e mártires é um grande presente para a humanidade, sendo que entre o homem comum e eles há um abismo que só a filosofia deve suprimir. Essa é a tarefa reflexiva que a filosofia impõe, e, como bem diz o mestre: “A filosofia não deve, não pode ter outra tarefa” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 402). A ética parte do raciocínio, a virtude por sua vez é inata à vontade, sendo assim o santo já nasce

virtuoso. Já o caráter ético pode ser atingido por qualquer um. Igualmente o que todos buscam é a felicidade, ou, paz. Mesmo os estóicos em seus desvios de conduta habituais, através dos quietivos da vontade, buscavam neste ato o segredo da vida, ou seja, a felicidade. Confira-se nas palavras de Schopenhauer:

Uma castidade voluntária e perfeita é o primeiro passo na via do ascetismo, ou da negação do querer-viver [...] O holocausto aqui significa a resignação em geral; a natureza restante deve esperar a sua libertação do homem; é ele que é ao mesmo tempo o sacerdote e a vítima. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 399)

Todos estes homens virtuosos são unânimes em afirmar que a aquisição de conhecimento é a fórmula para uma vida cheia de luz. Poe fala algo a respeito dizendo que “[...] a felicidade não está no conhecimento, mas na aquisição de conhecimento!” (POE, 2001, p. 407). E acrescenta: “Sabendo para sempre, seremos para sempre venturosos; saber tudo, porém, seria diabólica maldição” (POE, 2001, p. 407). A conclusão está em que sempre se corra atrás de um possível saber. Sempre se prove das necessidades do entendimento mesmo que para isso, sejam necessários sofismas, induções e até mesmo frios pensamentos paradoxais. Tal é a forma do ser pensante não ‘parar’ de evoluir. Para almas nobres, a virtude sempre será sua essência. Mesmo Baudelaire que se jogou na devassidão, chegou a declamar: “Busquei então no amor um sono descuidoso; / Mas o amor para mim é um leito de suplícios” (BAUDELAIRE, 1985, p. 401). Não há descanso, neste mundo, para almas virtuosas. O artifício iluminado é o seu labor.

Schopenhauer chama “expiadores voluntários” àqueles que se entregam ao ideal estóico, por que por meio deste: “[...] o desejo extingue-se, e torna-se incapaz de produzir a dor, se não existe nenhuma esperança para lhe fornecer alimento” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 97). O sofrimento, segundo Schopenhauer, se dá de forma mais profunda no homem devido a sua capacidade de raciocínio que diferentemente do animal que se situa no tempo presente, faz com que o homem passe o tempo todo preocupando-se com o futuro e mesmo com o passado, quando na verdade deveria fazer como o animal, que de forma instintiva age preocupando-se com o momento presente, suprindo, assim, suas necessidades atuais mais necessárias. É assim que age o asceta na pobreza voluntária e intencional:

[...] a própria Vontade, ele mortifica o que a torna visível e objetiva, o seu corpo: alimenta-o parcimoniosamente, evitando um estado de prosperidade, de vigor exuberante, de onde a vontade renasceria mais forte e mais excitada,

vontade essa de que ele é a expressão e o espelho. [...] Vem finalmente a morte [...] a morte será então para ele bem-vinda, recebê-la-á com alegria como uma libertação há muito desejada. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 401)

O filósofo declara que “[...] como conceitos abstratos”, estes são “pensamentos atormentadores, dos quais os animais estão completamente livres, pois vivem apenas no presente, portanto, num estado destituído de preocupação e digno de inveja” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 386). O filósofo vai mais longe ainda afirmando que “a causa de nosso sofrimento, bem como de nossa alegria, reside na maioria dos casos não na parte real, mas só em pensamentos abstratos” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 387). A sátira de Eulespiegel citada por Schopenhauer pode ser aplicada também, sob este ponto de vista, ao Zaratustra de Nietzsche: “[...] quando subia a montanha rindo e a descia chorando” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 387). Thomas Mann fala do asceta exatamente no mesmo patamar que Schopenhauer chega no IV livro, tomando a virtude corporal como modelo:

O asceta recusa-se a satisfazer o sexo: sua castidade é o signo de que, com a vida desse corpo, a vontade, de que ele é a manifestação, igualmente se anula. Como definir o santo? Aquele que não faz nada de tudo que deseja e faz tudo que não deseja. Ora, a castidade ascética, tornada regra geral, acarretaria o fim da espécie humana. (MANN, 1981, p. 16)

O primeiro passo no grau de ascese é simplesmente o paulatino acalmar dos sentidos, pois eles não passam da “[...] sede de uma sensibilidade potencializada, são pontos do corpo receptíveis à influência de outros corpos num grau elevado” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 31). O elemento de não participação na vontade universal classificaria homens santos como seres unitários, ou seja, aqueles que fizeram juízo do livre arbítrio para tomar um rumo de abstinência que entre a crença humana são tidas como uma conduta beatífica e gloriosa. Schopenhauer afirma que “a virtude e a santidade não derivam da reflexão, mas das próprias profundezas da vontade e das suas relações com o conhecimento” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 67). É uma conduta que utiliza-se das formas alquímicas do conhecimento e do agir para conquistar a glória da perfeição, e não para se deixar levar pelas alegorias das visões do mundo. Portanto, a conclusão leva a crer que existem seres morais por natureza, e que na espécie humana, estes graus variam muito, chegando ao extremo nos santos e nos mártires.

Schopenhauer afirma que a negação da Vontade vem do mesmo lugar onde ela surge: “[...] da mesma fonte de onde brota toda bondade, amor, virtude e nobreza de caráter, também nasce aquilo que denomino negação da Vontade de vida” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 480).

Após o indivíduo ver através do *principium individuationis*: “O acontecimento pelo qual isso se anuncia, é a transição da virtude à ASCESE [...] nasce uma repulsa pela Vontade de vida, [...] ele cessa de querer algo, evita atar sua vontade a alguma coisa” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 482-483). Inicia-se o processo de castidade voluntária, onde o indivíduo torna-se uno com o eterno. Se isso acontece, afirma Schopenhauer, sem dúvida o gênero humano se extinguiria. Em suas palavras: “Sacrifício significa resignação em geral” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 483). Ou seja, renúncia espontânea, coragem para enfrentar a desgraça iminente. O ponto fixo em que Schopenhauer fundamenta a renúncia está claramente estampada na ASCESE como um fim em si mesma. Tal grau de elevação se verifica no ato de retribuir o mal com o bem, na batalha constante contra o instinto, em não competir sob circunstância alguma, pois, o indivíduo iluminado não compete, e, por consequência:

[...] suporta os danos e sofrimentos com paciência inesgotável e ânimo brando [...] o corpo: alimenta-o de maneira módica para evitar que seu florescimento exuberante e prosperidade novamente animem e estimulem fortemente a Vontade, da qual ele é simples expressão e espelho. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 485)

É brilhante ressaltar que no 3º livro, Schopenhauer fala da infância pintada de Jesus, onde é possível observar em seu olhar “[...] a expressão e o reflexo do conhecimento mais perfeito” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 245). A ingenuidade aliada ao futuro redentor da humanidade não poderia ser diferente: “[...] derrama sobre todo querer a sua virtude apaziguadora, o *quietivo*” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 245). Schopenhauer indica a maneira de conquistar a paz de espírito: “Reduzindo o interesse que o nosso próprio eu nos inspira, atacamos na raiz a preocupação que ele nos causava; [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 392).

Ao contrário destas admoestações, Friedrich Schiller, por sua vez, disse que: “[...] nada que nasce da privação pode inspirar respeito” (SCHILLER, 1991, p. 48). Com este pequeno dizer que acaba com toda dramaturgia da negação das coisas da vida, Schiller dá, com isso, uma espécie de salto sobre a teoria argumentamos e adentra outro campo da humanidade que desde os antigos gregos, até hoje, trata de uma esfera refinada de humanidade, muito diferente do presente contexto, já que estamos tratamos da negação completa da vontade de vida. Entretanto, isto foi mencionado apenas para desviar um pouco a atenção, fazendo, assim, com que se saiba profundamente em que espécie de caminho vai a teoria de Schopenhauer.

Num trecho muito importante, Schopenhauer diz que: “[...] é preciso considerar o caráter inteligível em cada um de nós como um ato de vontade, exterior ao tempo, portanto indivisível e inalterável” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 304). Tal evidência provaria em poucas palavras a eternidade dessa Vontade que se manifesta tanto no indivíduo como no geral. O homem, sendo a manifestação mais perfeita da Vontade, deve reconhecer em si essa força e livremente negá-la, eis o fundamento básico e princípio moral contido no IV livro e que permeia toda obra schopenhauriana: “NEGAÇÃO DA VONTADE DE VIDA entra em cena após o conhecimento acabado de sua essência ter-se tornado o quietivo de todo querer”. (SCHOPENHAUER, 2005, p.486). A iluminação, para Schopenhauer, é independente do arbítrio, e, é por isso, que a igreja a denominou: “efeito da graça”. Apenas em função de uma completude de sua negação da vontade de viver o arbítrio humano toma parte. A igreja, portanto, representa a negação da vontade e tem sua representação no “Homem-Deus” que transmite o poder da fé interior, única graça que pode vencer a vontade naturalmente má. Este paradoxo mostra duas facetas naturalmente essenciais. Por essa razão, Schopenhauer afirma que “a nossa salvação não depende nada do nosso mérito” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 426). Depende, por sua vez, e unicamente, do grande mediador.

Outro ponto em que Schopenhauer leva adiante suas metáforas, ele parece antecipar aquilo que seria o Zaratustra de Nietzsche, porém, num sentido diverso: “[...] o grande e mais significativo acontecimento que o mundo pode exibir não é o conquistador, mas o ultrapassador do mundo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 489). Ele aduz que o pensamento ocidental é, de tal maneira dependente, pelo fato de ter por norte o cristianismo, e um mediador, que por si só prega a abnegação: “[...] conduz não apenas ao grau mais elevado de amor humano, mas à renúncia. [...] No cristianismo mais letrado vemos aquele gérmen ascético desabrochar em vistosa flor nos escritos dos santos e místicos” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 490). O processo de compaixão, afirma Schopenhauer: “[...] Apesar de ser secreto conforme sua origem, transforma o sofrimento alheio no próprio” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 159). Schopenhauer alega que a pessoa na qual se percebe a negação da Vontade de Vida “[...] por mais pobre, destituída de alegria e cheia de privação que seja [...] é, no entanto, cheia de alegria interior e verdadeira paz celestial” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 494). Tal estado, é aquele no qual a maioria dos homens não vive, pois, atribulados como são, não chegam nem ao menos compreender o que significa a máxima: “Ousa saber” (SCHOPENHAUER, 2005, p.494). Quando tal estado é encontrado na contemplação pura, é possível perceber como deve ser perene a felicidade da alma destituída para sempre de Vontade: “[...] puro ser cognoscente [...] Nada mais o pode angustiar nem excitar” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 495). Assim,

toda conduta ética pauta-se pelo colocar-se no lugar do outro, eis o fundamento da moral calcado nas religiões dos povos do passado e o grande mistério místico do universo: a caridade. O ser destituído de Vontade. Schopenhauer explica que trata-se de um processo misterioso porque dele “a razão não pode dar conta diretamente [...]” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 163). E continua dizendo que: “O conjunto das virtudes flui da justiça e da caridade” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 164).

A luta contra a Vontade tem de ser continuamente renovada, pois, trata-se de uma batalha sem descanso, onde o homem deve estar sempre atento: “[...] na maioria dos casos a Vontade tem de ser quebrada pelo mais intenso sofrimento pessoal [...]”. (SCHOPENHAUER, 2005, p.497). Só a partir do momento em que o indivíduo visa o universal, e pela resignação chega ao grau de ascese, ele alcança a plena redenção que se confirma na sua própria extinção.

É na aflição que inicia-se um compenetrar-se em si mesmo. É o momento em que o homem começa a desatar-se. É este traço de tristeza que, segundo Schopenhauer, caracteriza aquela certa nobreza que se reporta a alguém que sofre, e cuja visão instantaneamente torna sério o sujeito que observa. Quando o conhecimento da essência da coisa em si toma conta da consciência do homem: “Então a Vontade desliga-se da vida: ela vê nos prazeres uma afirmação da vida, e tem horror deles [...] esforça-se por assegurar sua indiferença em relação a todas as coisas” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 398-399). Para ter conhecimento de causa, sobretudo, “[...] na experiência e na realidade que é preciso buscar os exemplos” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 403). Schopenhauer não diferencia o amor verdadeiro da completa negação da Vontade:

A Vontade não pode ser suprimida por nada senão o CONHECIMENTO. [...] Isso, entretanto, não é possível por violência, como a destruição do embrião, a morte do recém-nascido, o suicídio, A natureza conduz a Vontade à luz, porque só na luz a Vontade pode encontrar a sua redenção. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 506)

O asceta e aqueles que se deixam morrer por inanição, por exemplo, dão mostras do grau mais elevado da negação da Vontade. Em todos eles, ou pelo menos na maioria o enfraquecimento progressivo é acompanhado de visões religiosas.

Schopenhauer explica que são vários os graus de ascese, e que “[...] deve haver muitos graus intermediários e combinações, sem dúvida difíceis de explanar. Contudo a mente humana tem profundezas, obscuridades e complicações cuja elucidação e detalhamento são de

extrema dificuldade” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 508). Todavia, por detrás do quietivo da Vontade atingido pela graça deve se entender a mesma liberdade do querer, tal seria o ‘RENASCIMENTO’. Schopenhauer diz que: “Em realidade, por trás da nossa existência encrava-se algo outro, só acessível caso nos livremos do mundo”. (Idem, 2005, p.511). Esse ‘algo outro’ é aquele parâmetro máximo da cosmologia: a fluidez, a forma e a substância, que a ciência não consegue explicar, e que, no entanto, permanece uma entidade sempre viva e atuante.

Adão simboliza toda afirmação da Vontade de vida. Simboliza a humanidade. Jesus é o símbolo da GRAÇA DIVINA, pois foi o único que não nasceu do pecado. Por conseguinte, só Jesus pode ser Jesus. O máximo que os outros homens podem fazer é seguir seus ensinamentos.

A questão do pecado original como afirmação do querer, e a redenção como negação do querer se afirmam aqui como o problema bíblico chave: “[...] é a grande verdade que constitui o cerne do cristianismo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 512); e assim, tem-se Jesus Cristo “como símbolo ou como personificação da negação da Vontade de vida” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 512). Schopenhauer liga, portanto, a negação da vontade de vida ao ato da fé que se consegue pelo ‘EFEITO DA GRAÇA’, sendo que a virtude genuína estaria no conhecimento desta fé e não no arbítrio das obras. Quando o espírito está em iluminação:

[...] é precisamente o querer-viver, esse querer-viver que se trata de negar quando nos queremos libertar de uma existência como a terrena, visto que por trás da nossa existência se esconde qualquer coisa de diferente mas que só podemos atingir com a condição de sacudir o jugo da vida cotidiana. [...] àquilo a que se chama êxtase, arrebatamento, iluminação, união com Deus etc.; [...] pertence apenas à experiência pessoal.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 423)

A humanidade inteira nasce do pecado original e, apenas no aspecto da redenção que se encontra a fé revelada. Logo: “[...] após a fé ter entrado em cena, as boas obras se seguem naturalmente dela, como se fossem seus sintomas, seus frutos” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 515). O esquema seria algo mais ou menos assim:

- *PRINCIPII INDIVIDUATIONIS* – (Justiça Espontânea)
- *AMOR* – (Extinção do Egoísmo)
- *RESIGNAÇÃO* – (Negação da Vontade)

O ponto final será o NADA. No nada, segundo Schopenhauer, encontrar-se-á tudo. O cosmo em seu estado original. A fonte primal. O prisma do Universo. O presente eterno. Entretanto, só é possível conhecer filosoficamente pelo lado negativo este nirvana, ou seja, pelos estados já mencionados de negação, abstinência e contemplação. A máxima seria: “Nenhuma Vontade: nenhuma representação, nenhum mundo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 518). Schopenhauer nega a Vontade porque ela é sem fundamento. O homem, por mais rico, sábio e poderoso que seja, sempre se encontra na melancolia da incerteza da vida. Como um fantasma que não sabe de onde veio, nem para onde vai. A humanidade inteira sente-se assim. Schopenhauer escolhe parar de desejar porque não quer mais sofrer, e, muito menos, sofrer carências e necessidades. Se o mundo fosse constituído por um empenho, nobre e sublime, não haveria nele tais calamidade e todos seriam felizes e prósperos, entretanto, é justo o contrário que acontece de fato.

Na ética moral, o homem impõe limites a si mesmo. Naquilo que deve ser buscada, a moral encontra-se numa espécie de ordem cosmológica, e, portanto, de certa forma “sagrada”. É assim que o homem encontrará seu destino final.

Na fundamentação ética do agir humano Schiller afirma que: “No estado do pensar [...] a razão deve ser um poder e a necessidade física deve ser substituída pela necessidade moral” (SCHILLER, 2002, p. 102). Ora, pois, eis os contatos entre as lições da conduta séria e absoluta do homem moral. Essa estreita relação da negação da vontade, com a moral, e a ética sexual, sempre esteve ligada a casos isolados de pessoas que se apaixonam por mortos, que vivem nos cemitérios, que vilipendiam cadáveres, etc. São casos que demonstram claramente que a negação de vida neles atingiu um grau elevadíssimo, chegando a morbidez, onde a pessoa engana a si mesma em prol de sua extinção perpétua.

Não é sem causa que na velhice a vontade deixa de perturbar o indivíduo: o corpo está comprometido, logo, a magnânima retira-se de cena para ocupar-se com indivíduos mais novos e cheios de paixão. E para seu divertimento, quanto mais ingênuos ou estúpidos, melhor. A idéia da essência dessa vontade universal é obscura. Schiller diz que “[...] a natureza é autônoma e infinita” (SCHILLER, 1991, p. 90). Por isso a mesma idéia do universo infinito e da eternidade paira assombrosa na mente limitada do homem. Da mesma forma, Schopenhauer diz que a morte não significa nada, sendo até mesmo duvidosa tal idéia. O filósofo tem tanta esperança na morte que chega a duvidar dela.

Conforme a ética filosófica em questão, ou, esta escolha por parte destes homens de saber, diz Abelardo: “Por isso, filósofos célebres do tempo antigo, desprezando

completamente o mundo e fugindo do século mais do que abandonando-o, proibiam a si mesmos todos os prazeres, para repousarem apenas nos braços da filosofia” (ABELARDO, 2005, p. 102-103). Schopenhauer escreveu que “na natureza, a aptidão para sofrer caminha passo a passo com a inteligência” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 183). E indo mais longe, através do passado, Sêneca concluiu que sem intelecto, ninguém poderia ser considerado feliz.

Como Schopenhauer faz uso da sabedoria oriental para descrever seu IV livro, ele informa que a causa da língua sânscrita ter chegado a tal grau na negação da vontade deve-se “ao fato de que ela não esteve encerrada” ao contrário do cristianismo e do dogmatismo Judeu “em limites que lhe são absolutamente estranhos” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 406). Ou seja, as contradições de afirmação e negação da vida. Sendo que em sua maioria além do caráter admoestativo de tais escritos: “O conjunto destes escrúpulos céticos [...] “servem [...] para moderar nossas expectativas sobre a disposição moral do ser humano” (SCHOPENHAUER, 2006, p. 117). A consolação para a vida acaba sendo o conhecimento da morte. Um exemplo plausível disso pode se verificar na consciência daqueles que descobrem possuir uma doença que não tem cura. Logo a sua vida toma um ar melancólico. Inventam mil e um argumentos justificando a vida, e até passam a falar como padres, sempre abençoando seus conhecidos e até mesmo seus inimigos. A sabedoria da morte é a certeza do descanso eterno onde o homem esquece tudo aquilo que lhe causava inquietações. Toda preocupação com sua pessoa desaparece, e por fim, surge a verdadeira compaixão. É justamente por isso que a visão de um moribundo causa o mais extremo sentimento de respeito. Já um cadáver, por sua vez, causa ciúmes no mais íntimo do ser. É por isso que a compaixão é reconhecida por Schopenhauer como a chave, o fundamento moral e o símbolo de maior grandeza que a força humana pode alcançar.

Para a grande maioria dos homens não é possível alcançar a negação da vontade simplesmente pelo querer, bem pelo contrario: “[...] é quase sempre preciso que grandes sofrimentos tenham quebrado a vontade para que a negação do querer se possa produzir” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 411). Depois, na carreira do ascetismo, como criminosos convertidos: “[...] morrem voluntariamente, com tranqüilidade e felicidade [...] porque o último segredo da vida se lhes revelou” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 412). Não é de causar espanto que o homem tenha de viver lutando para sobreviver, pois, a própria naturalidade das coisas implica sua extinção. Eis o que diz o filósofo:

O apego ilimitado à vida, [...] não pode provir do conhecimento e da reflexão; bem ao contrário, à luz de um exame ponderado tal apego parece

insensato, pois o valor objetivo da vida é bem incerto, e é pelo menos duvidoso se a ela, a vida, não seja preferível o não-ser, e mesmo se se consultasse a reflexão e a experiência, é o não-ser que deve prevalecer. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 25)

É possível mesmo afirmar, a partir desta ciência, que se o homem fosse totalmente bom, ele abriria mão até mesmo da relação sexual, e por fim, da social. Pelo seu grau de dificuldade dentro da escala de valores morais e éticos, Schopenhauer chama de “transformação transcendental” a negação da vontade. Portanto, o processo cosmogônico de salvação e libertação da vontade não deve ocorrer por violência física, e nem pelas vias do suicídio. Não basta simplesmente abdicar da vida através do suicídio, é preciso vencê-la através do conhecimento, quando após conhecer sua essência, a vontade nega a si mesma para todo o sempre. Eis o parágrafo mais amargo do IV livro:

Não quero subtrair-me à dor; quero que a dor possa suprimir o querer-viver cujo fenômeno é coisa tão deplorável, que fortifique em mim o conhecimento, da verdadeira natureza do mundo, que começa a despontar, a fim de que esse conhecimento se torne o calmante supremo da minha vontade, a fonte da minha eterna libertação. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 418)

O processo vital deve ter início e fim naturais. É esse o ensinamento das religiões do mundo, o fundo da sabedoria oriental e a herança que veio do antigo Egito. O entendimento foi revelado por uma razão ao homem. Se ele sofre é porque faz aquilo que não gosta. O fato de sofrer sem ter um porquê deve-se então, a uma espécie de expiação cósmica. Se isso for certo, então, cabe ao próprio homem redimir-se. Na visão de Schopenhauer, é apenas através do entendimento que ele conseguirá fazer o corte vital e nada além. Entretanto, se o homem não se esforçar para tal, estará irremediavelmente preso à sua existência efêmera, pois é limitado, e só pode aprender de Prometeu aquilo que lhe foi ensinado, agindo por fim, como mortal. Quando não nega a vontade, para pelo menos tentar entendê-la, em certa medida, ou, simplesmente tomar fôlego, acontece exatamente como dizem as palavras do mestre: “[...] dois corpos encontram-se, e, segundo uma lei, em certas condições [...] e imediatamente, no momento oportuno, hoje como há mil anos, o fenômeno se produz” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 141). E ainda: “O aumento do entendimento de modo algum acompanhou o dos fatos, ao contrário, aquele deploravelmente manca indo atrás deste” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 147). Schopenhauer fala que a noção de liberdade é essencialmente negativa, porque

consciente, o homem só atua em prol da necessidade. Por sua vez, inconsciente, ou seja, especificamente quando dorme, ele assemelha-se a coisa-em-si.

A intenção de alcançar o Nirvana pelos estados meditativos dos budistas e pela drogadição do homem moderno, não passa de uma intenção de volta, de retorno ao estado anterior em que ainda não era fenômeno.

O nirvana significa, em último grau, sair da cadeia de causas e efeitos da vida. Este método é na maioria dos casos racional ou patológico. O fato é que ele atinge a essência do ciclo vital acabando com sua reincidência. Ou seja, o “eterno retorno” na causalidade não acontece mais. No entanto, o retorno à verdadeira essência do universo começa pela introspecção individual: “Para dentro vai o misterioso caminho” (NOVALIS, 2001, p. 44). Isolamento e renúncia são suas prédicas, sendo a própria morte sua culminância final. Não esquecendo que é pela mesma via de acesso ao interior utilizada através da compaixão ativa que “[...] vemos o não-eu tornar-se numa certa medida o *eu*” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 136).

Por assimilar o lado perecível da vida, o filósofo volta-se para a embriologia essencial da existência. O homem, segundo Schopenhauer, o que ele sabe, o que vê e conhece é a esfera do seu próprio horizonte, muitas vezes, de sua própria parte, ignorado. Resta-lhe viver uma vida de compreensão e assentimento, para não continuar sofrendo na ignorância. Então, é possível exclamar como o moralista: “Ó vós [...] aceitai, nesses dias de horror, os votos humildes da inocência; [...]” porque, agora, “o nada das coisas humanas se oferece por inteiro aos nossos olhos [...] um mesmo túmulo confunde todos os homens” (VAUVENARGUES, 1998, p. 132-133). A mensagem que Schopenhauer passa em sua obra, é que o homem, o “sacerdote da natureza”, não é equipado de maneira que possa entender sua existência no universo. É por isso que nunca se chega a termo absoluto em filosofia, ou, metafísica. Cabe ao homem, simplesmente um agir em prol do próximo, elucidando-o a respeito da precária condição humana, e incitando-o àquilo que o humano genuíno tem de melhor: a criação artística como princípio do próprio esquecimento e padecimento de seu ser. Tal como um soturno poeta, o homem diz *Adeus*.

5 CONCLUSÃO

Desde os tempos mais remotos as manifestações da vontade têm uma forma de representação na arte humana, principalmente na música, onde alcança sua expressão máxima. Mas, foi após o século XIX, que a música sofreu junto com o homem uma mudança bastante radical. Pode-se dizer que Beethoven foi um dos pioneiros a sentir o impacto da filosofia negativa na música. Uma gama de sentimentos resultantes do Romantismo mudou para sempre a forma de expressão da humanidade. Hoje, esta forma de manifestação de sentimentos, insuflada por Schopenhauer e Nietzsche, é expressa em sua maioria por jovens artistas europeus, e em especial, num tipo de música chamada Black Metal. Nomes como Burzum, Mayhem e Brutality são alguns que podem ser citados entre centenas de outros grupos que expressam sua negação através da música. Schopenhauer e Nietzsche são, por assim dizer, os “artistas” precursores da nova geração em sua forma de representar e atuar nos palcos. Os jovens que possuem esse estilo de vida não apelam mais para a sociabilidade, negam seus instintos básicos, e a maioria acaba morrendo prematuramente pelo abuso de drogas. Suas atitudes típicas são a negação do mundo, da vida e, sobretudo, da atividade sexual. Sua ideologia segue a filosofia do *nirvana* budista, mesmo sem possuírem conhecimentos sólidos sobre o assunto. Aliás, houve uma banda chamada “Nirvana” que possuía essas mesmas qualidades, embora, não fosse do estilo mencionado, mas que se tornou símbolo do rock nos anos 90, até o seu líder Kurt Cobain se dar um tiro na cabeça.

O que Schopenhauer fez em teoria, em sua época, hoje é feito diretamente através da música e pela atitude dos jovens ligados a este destrutivo estilo de vida.

Toda obra de Schopenhauer aponta para a redenção do indivíduo através da negação do mundo. Sua obra passa um constante sentimento de que o homem não passa de um ser ludibriado pela própria vida. Por isso, o homem expiaria o próprio homem. Mais tarde, como nas palavras de Nietzsche, o homem descobrirá que “[...] há uma maneira de negar e de destruir que exprime precisamente essa poderosa aspiração à santidade e à salvação” (NIETZSCHE, 2008, p. 53).

A falta de afeto familiar deixou marcas indeléveis no menino que se tornou homem, e refletiu numa brilhante obra, uma mera fatalidade cotidiana. Prova, como sempre, que a vida humana, mesmo sendo grandiosa, é extremamente frágil, e que, mesmo com todos os seus percalços e limites, a instituição familiar ainda é o instrumento mais poderoso que um homem pode possuir neste planeta, para poder desenvolver-se com dignidade, tanto na realidade, quanto em seus ideais.

Schopenhauer não desabafa apenas com o homem, mas com o próprio universo, com a própria vontade universal e, sobretudo, consigo mesmo. Ele escrevia sobre uma espécie de caridade eterna que se consegue através do sacrifício individual, doando sua vida e integridade em prol da mesma eternidade, negando todos os prazeres que aos homens podem ser acessíveis dentro dos limites alcançados pela magnificência da razão. Todavia, ao refletir sobre as palavras do “Alquimista”, quando ele diz que: “Eram pessoas solitárias, que já não acreditavam mais na vida” (COELHO, 1996, p. 53); logo, salta aos olhos, a situação a qual os filósofos de todos os tempos estiveram sujeitos, ou seja, o afastamento do mundo e das pessoas, em vistas pessoais de instrução e introspecção. Isto demonstra que nem todos estavam certos em suas condutas misantrópicas, pois que, a caridade ativa inclui a atividade do homem como terapeuta não só de si mesmo, mas de todos os outros homens também. A isso, deu-se o nome de *Medicina Universal*, e o filósofo é um médico por excelência. Neste ínterim, seria um ato de extremo egoísmo de sua parte, guardar o conhecimento apenas para si mesmo.

A filosofia schopenhauriana não pode ser considerada dentro de uma tradição acadêmica filosófica, pois, está só e acabada em si mesma. O ponto em que termina, é o final do IV livro: “O lado moral do universo é ainda mais desconhecido e imensurável que o espaço celeste”. (NOVALIS, 2001, p.249). Aqui Schopenhauer põe toda força de sua expressão, revelando no *NADA*, a síntese de toda sua esperança.

Toda teoria tem seus pontos chaves, suas relevâncias e suas extravagâncias. No entanto, todas possuem limites. São tais limites que devem ser reelaborados no crisol pelo estudioso. Pela maneira como viveu, Schopenhauer assimilou o lado deplorável da vida, algo que proporcionou a frieza kantiana de sua obra. Tudo que está disposto no IV livro é de um ponto de vista pragmático, plenamente abrangente, da vida e do homem. A exatidão com que ele vai ao cerne da questão fundamental deve-se à maneira: clara e ponderada, que leva o homem ao entendimento sobre a morte.

O saber do filósofo deve ser útil à sociedade, não o contrário. Se o filósofo foi misantrópico em sua vida, não vem ao caso, já que a sua mensagem veio em prol da vida dos homens atuais e em mútua convivência social.

A fundamentação ética e moral que permeia toda conduta ascética possui em si o objetivo de auto-extinção como conduta condizente com próprio o universo. Como a estrela que nasce da explosão, brilha, mas logo volta para o caos de onde veio. O mundo é visto por um instante por olhos temporais, e, por isso, perecíveis. De fato o homem de gênio sempre aspira à santidade. É claro que: “[...] conforme a ciência foi progredido, também começaram a aparecer pontos de vista mais ortodoxos” (DE QUINCEY, s/d, p. 63). Dada a fragilidade da filosofia para com “não

iniciados”, ela torna-se um cristal muito fino, que facilmente se quebra ao menor toque. Entretanto, como sempre, é o lado religioso da coisa que acaba conquistando seu lugar, mesmo entre os leigos.

Schiller escreveu que: “A infelicidade da espécie toca profundamente o homem de sentimentos [...]” (SCHILLER, 2002, p. 51). Neste ínterim qualquer pessoa que tenha um pingão de sentimentos não deixará de se sentir profundamente tocada pela condição de existência apontada pela obra de Schopenhauer.

Assim como a folha que cai, é o destino, o nascer e o morrer. Cada ser em particular, mesmo sendo efêmero, participa do cosmos que sempre é. Sua filosofia deve ser pensada como um amuleto de segurança contra as amarguras da vida, bem como, os estóicos que se preveniam da tristeza não buscando a felicidade. Inclusive, o lado altruísta do indivíduo que comanda sua vida, a despeito da própria vontade cega. Vauvenargues disse que: “[...] a verdade é uma, que é imutável, que é eterna. Bela por sua própria natureza, rica no seu âmago, invencível, [...] sempre a mesma [...] porque não pode envelhecer nem se enfraquecer [...]” (VAUVENARGUES, 1998, p. 120). A consequência é a mesma quando se trabalha com Schopenhauer: “[...] o desgaste do fracasso sempre há de pesar mais que o reconhecimento do esforço” (GRACIAN, 1984, p. 50). E na maioria das vezes, o pesquisador tem que responder com os argumentos que o próprio Schopenhauer impõe.

A finalidade da negação do mundo schopenhauriano tem um objetivo em negar a vida: acabar com a necessidade e a dor do processo vital. Apreende melhor sua teoria o estudante que estuda com afinco seus escritos, antes de qualquer escrito “sobre” Schopenhauer.

De espírito autoritário e altamente científico, sobretudo, alemão autêntico e visceral. Uma vez chegando à conclusão de que a vida não vale a pena, o filósofo encerra o assunto aos 30 anos de idade. Mesmo tendo vivido até os 72, Schopenhauer não mudou seu ponto de vista sobre a vida humana. Se Einstein acreditou ter sido um fracasso a formulação atômica, por seu lado, Schopenhauer teria aplaudido.

A conclusão que se chega (a qual Schopenhauer não fornece explicitamente) é que, sendo um fato óbvio que o homem morre, então, que pelo menos ele saiba utilizar a ciência acumulada dos milênios idos, e, com isto, saiba fruir cada dia de sua vida como se fosse o último de sua existência, considerando-a, apesar de seus defeitos, como uma manifestação rara e única. Não é difícil chegar a esta conclusão. A menos que se queira tampar o sol com uma peneira, o que não foi o objetivo dessa dissertação de mestrado.

REFERÊNCIAS

- ABELARDO, Pedro. *Obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Os pensadores)
- ARTAUD, Antonin. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- _____. *O Teatro e seu Duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. *Paraísos artificiais*. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- _____. *Pequenos poemas em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- _____. *Pequenos poemas em prosa*. São Paulo: Hedra, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BLAKE, William. *O casamento do céu e do inferno e outros escritos*. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- BOÉCIO, Anício Mânlio Torquato Severino. *A consolação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CAPRA, Fritjof. *O tao da física*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CAYGILL, Howard. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- COELHO, Paulo. *O Alquimista*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- CUNHA, Eliel Silveira; FLORIDO Janice. *Grandes filósofos: biografias e obras*. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- DIDEROT, Denis. *Jacques, o fatalista e seu amo*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- DURANT, Will. *A filosofia de Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984.
- EBON, Martin. *Eles conheceram o desconhecido*. São Paulo: Pensamento, 1972.
- FICHTE, J. G. *Lições sobre a vocação do sábio seguido de reivindicação da liberdade de pensamento*. Lisboa: Edições 70, 1999.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KAFKA, Franz. *Na construção da muralha da china*. Porto Alegre: Paraula, 1995.

_____. *Parábolas e fragmentos e cartas a Milena*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1987.

_____. *A metamorfose*. São Paulo: Cia. das letras, 1997.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Os pensadores)

KEATS, John. *Nas invisíveis asas da poesia*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LAUTRÉAMONT. Conde de. *Os cantos de Maldoror*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MATARASSO, Pierre; PETITFILS, Henri. *A vida de Rimbaud*. Porto Alegre: L&PM, 1988.

MAIA, Muriel. *A outra face do nada*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Loyola, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret: 2008.

_____. *Obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os pensadores)

_____. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. *A genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

_____. *Schopenhauer educador*. São Paulo: Escala, 2007.

_____. *Vontade de Potência*. São Paulo: Escala, [s/d.]. (parte 2).

NOVALIS, Friedrich. *Os hinos à noite*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

_____. *Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

PASCAL, Blaise. *Do espírito geométrico*. São Paulo: Escala, 2006.

_____. *Pensamentos*. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Os pensadores)

PERNIN, Maria-José. *Schopenhauer: decifrando o enigma do mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os pensadores)

_____. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os pensadores)

- _____. *Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os pensadores)
- POE, Edgar Allan. *Ficção completa, poesia e ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.
- QUINCEY, Thomas de. *Do assassinio como uma das belas artes*. Lisboa: Estampa, 1971.
- _____. *Os últimos dias de Immanuel Kant*. Lisboa: Relógio D'Água, 2003.
- RIMBAUD, Arthur. *Iluminuras, gravuras coloridas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- SAINT-DIDIER, Limojon. *O triunfo hermético*. São Paulo: Loren, 1976.
- SHAKESPEARE, Wiliam. *A tempestade*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- _____. *Os bandoleiros*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- _____. *Poesia ingênua e sentimental*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- SCHOPENHAUER, Arthur; ROTERDÃ, Erasmo de. *O elogio da loucura / O livre arbítrio*. São Paulo: Novo Brasil, 1982.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *A necessidade metafísica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.
- _____. *A arte de conhecer a si mesmo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- _____. *Fragmentos para a história da filosofia*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. *A arte de se fazer respeitar*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *A Vontade de Amar*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1964.
- _____. *Aforismos para a sabedoria de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *Arthur Schopenhauer*. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Os pensadores)
- _____. *Da morte, metafísica do amor e do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2001
- _____. *O mundo como vontade e representação*. São Paulo: UNESP, 2005.
- _____. *Sobre a filosofia universitária*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Sobre o fundamento da moral*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *Sobre o fundamento da moral*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Os imortais do pensamento universal. (Introdução de Thomas Mann)*, São Paulo: Martins Editora, 1981.

_____. *Dores do mundo*. 2 ed. São Paulo: Publicações Brasil, 1980.

_____. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

_____. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto: 2001.

_____. *Sobre a visão e as cores*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

SHELLEY, Percy Bysshe; SIDNEY, Sir Philip. *Defesas da poesia*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SHELLEY, Percy Bysshe. *O triunfo da vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*. 2 ed. São Paulo: Hedra, 2009.

STRATHERN, Paul. *Schopenhauer em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROHDEN, Humberto. *O triunfo da vida sobre a morte*. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1960.

SCHURÉ, Édouard. *Hermes Trismegisto*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. *Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

VAUVENARGUES, Luc de Clapiers. *Das leis do espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALSER, Robert. *O ajudante*. São Paulo: ARX, 2003.

WEISSMAN, Karl. *Vida de Schopenhauer*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

WORDSWORTH, William. *Poesia Seleccionada*. São Paulo: Mandacaru, 1988.